

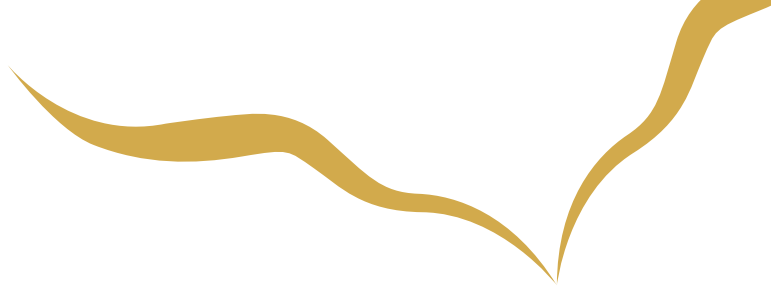


Festival^{dos} Capuchos

FILIPE
PINTO-RIBEIRO
DIRECTOR
ARTÍSTICO

ALMADA
PORTUGAL
2025

30 MAIO A 27 JUNHO



festival^{dos} apuchos

FILIPE
PINTO-RIBEIRO
DIRECTOR
ARTÍSTICO

ALMADA
PORTUGAL
2025

APRESENTAÇÃO

- 4 **Inês de Medeiros** Presidente da Câmara Municipal de Almada
- 6 **Filipe Pinto-Ribeiro** Director Artístico do Festival de Música dos Capuchos

CONCERTOS

- 8 **Concerto de Abertura** • Mozart & Tchaikovsky
- 12 **Jazz Violin Concertos** • Benjamin Schmid & Orquestra Musica Vitae
- 16 **A Música da Lírica de Camões** • Concerto Atlântico
- 20 **Chopin & Debussy** • Dang Thai Son
- 24 **Songs of Exile** • The Naghash Ensemble of Armenia
- 26 **A História do Tango** • Piazzolla & Nisinman
- 32 **Aperture** • João Barradas Trio
- 36 **Promenade dos Capuchos** • 100 Caminhos
- 44 **Liszt: O Poeta do Piano** • Filipe Pinto-Ribeiro
- 48 **Telemann goes East** • Ensemble Tra Noi
- 56 **Boulez 100** • Homenagem a Pierre Boulez
- 60 **Noite Transfigurada** • Tributo a Daniel Barenboim
- 68 **Concerto de Encerramento** • Sinfonia do Novo Mundo
- 72 **Poslúdio dos Capuchos** • DSCH Schostakovich Ensemble

ACTIVIDADES

- 78 Conversas dos Capuchos, Ópera para Crianças
- 80 Prelúdios, Caminhada, Visita, Masterclasses
- 82 Calendário Geral
- 84 Informações

APRESENTAÇÃO

É com grande entusiasmo que vejo o crescimento do Festival dos Capuchos. Desde o seu ressurgimento em 2021, que, em sucessivas edições, tem sido possível conjugar a força criativa de tantos e tantas artistas com uma reflexão conjunta que vai muito além da música.

Não era um desafio fácil pensar e desenhar uma proposta após a comemoração dos 50 anos do 25 de abril. Mas se, no ano passado, tivemos uma celebração da expressão intemporal da Liberdade, em 2025, o mote lançado desdobra esse bem tão precioso num verdadeiro espírito “entre mundos”. Um espírito também artístico, cada vez mais ameaçado que encontra neste festival um porto seguro e estimulante que se cruza entre diferentes gerações e nacionalidades.

Ainda mais me orgulho de ver que, pela primeira vez, teremos um enorme momento de comunhão ao ar livre no Parque da Paz com um concerto sinfónico. Este ano teremos um programa repleto de diferentes e entusiasmantes culturas, sem esquecer a presença nacional, tão importante para este evento. Não há dúvidas de que o regresso do Festival dos Capuchos foi a decisão certa para Almada.

Como não podia deixar de ser, voltamos a ter a “companhia” de grandes nomes da música clássica, como Mozart, Chopin, Debussy, Schubert ou Tchaikovsky, numa programação que faz a ponte com todo o mundo. Desde cruzamentos entre a música sacra e medieval arménia às influências contemporâneas, ao jazz e ao pós-minimalismo. O tango argentino também marcará presença, assim como um concerto especial que celebrará os 500 anos do nascimento de Luís de Camões. Não esquecer, claro, a música contemporânea: obras de Boulez, Berio, Donatoni, Grise e Stravinsky estarão incluídas na celebração do centenário de Pierre Boulez.

As Conversas dos Capuchos voltam também este ano, com a curadoria de Carlos Vaz Marques, para comemorar o centenário de José Cardoso Pires e o centenário da publicação do livro “O Processo”, de Franz Kafka. Momentos de partilha entre o passado e o futuro que espelham bem a identidade deste festival.

Podia imaginar-se que o Festival dos Capuchos é só para adultos. Não. A música é uma arte que atravessa todas as idades e, nesta quinta edição, foi possível concretizar essa máxima e, pela primeira vez, garantir a iniciativa “Ópera para Crianças”, com sessões de ópera Bastien et Bastienne, de Mozart, para o público do 1º ciclo.

Tudo isto não seria possível sem o Filipe Pinto-Ribeiro na direcção artística do Festival dos Capuchos. Todo o esforço e dedicação da sua equipa vão estar bem espelhados em mais uma grande edição. Um agradecimento especial ao principal mecenas e parceiro do evento, a Fundação BPI/La Caixa e a todos os outros parceiros que continuam nesta missão democrática e cultural connosco.



Inês de Medeiros
*Presidente da Câmara
Municipal de Almada*

APRESENTAÇÃO

Festival dos Capuchos 2025 *Entre Mundos*

Na sua quinta edição consecutiva, após o ressurgimento em 2021, o Festival dos Capuchos apresenta o tema *Entre Mundos* e propõe uma reflexão artística sobre a interculturalidade, a diversidade, o fascínio e o diálogo entre múltiplas dimensões – civilizacionais, temporais e espirituais – que se entrelaçam e se revelam através da Música, linguagem universal presente em todas as sociedades.

Entre 30 de Maio e 27 de Junho, Almada volta a ser palco deste evento cultural de grande dimensão, reunindo artistas de renome nacional e internacional. Os concertos têm lugar no Convento dos Capuchos, matriz espiritual do Festival, mas também noutros espaços da cidade, como o Teatro Municipal Joaquim Benite, o Auditório Fernando Lopes-Graça e, pela primeira vez, o Parque da Paz, onde se realiza um concerto sinfónico ao ar livre.

Entre os destaques desta edição está a estreia em Portugal da Orquestra de Câmara Sueca “Musica Vitae”, que abre o Festival com dois concertos dirigidos e protagonizados pelo consagrado violinista austríaco Benjamin Schmid. No programa inaugural, obras de Mozart e Tchaikovsky traçam pontes entre tradições e geografias. No segundo concerto, Schmid apresenta o seu projecto *Jazz Violin Concertos*, que explora a fusão entre composição clássica e improvisação jazzística, numa estreia absoluta em solo nacional.

O espírito “entre mundos” continua com o The Naghash Ensemble of Armenia, num programa que cruza música sacra medieval arménia com influências contemporâneas, jazz e pós-minimalismo. Outro momento marcante é o concerto “A História do Tango”, liderado pelo bandoneonista Marcelo Nisinman, discípulo directo de Astor Piazzolla, num tributo às raízes e à evolução do tango argentino.

No domínio da música antiga, o Festival propõe dois concertos de forte dimensão histórica e poética. “A Música da Lírica Camoniana”, pelo Concerto Atlântico dirigido por Pedro Caldeira Cabral, assinala os 500 anos do nascimento de Luís de Camões, recuperando práticas musicais renascentistas. Já o Ensemble Barroco Tra Noi apresenta “Telemann goes East”, explorando o diálogo entre o barroco alemão e as tradições populares da Europa de Leste.

Na área da música contemporânea e do pensamento musical, o centenário de Pierre Boulez é assinalado com um recital do clarinetista Jérôme Comte, solista do Ensemble Intercontemporain de Paris, fundado pelo próprio Boulez em 1976. O programa “Boulez 100” inclui obras de Boulez, Berio, Donatoni, Grisey e Stravinsky, revelando diversas linguagens da modernidade musical europeia. Por sua vez, o concerto “Noite Transfigurada” homenageia Daniel Barenboim, reunindo solistas da Academia Barenboim-Said e da West-Eastern Divan Orchestra, com obras de Brahms e Schönberg, símbolos de um romantismo transfigurado e visionário.

A presença nacional faz-se sentir com nomes de referência como: a Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida por Pedro Neves, que interpreta no Parque da Paz a célebre Sinfonia “Do Novo Mundo”, de Dvořák, e obras de Rossini e Brahms; o DSCH – Schostakovich Ensemble, com obras de Dvořák, Schubert e uma estreia absoluta do compositor Sérgio Azevedo; o quinteto 100 Caminhos, protagonista de um original “concerto-passeio” pelo Convento dos Capuchos. Também o João Barradas Trio apresenta *Aperture*, um projecto de jazz contemporâneo com forte componente autoral.

No âmbito do piano, temos dois recitais: Dang Thai Son, lendário vencedor do Concurso Chopin de Varsóvia, apresenta-se com um programa centrado em Chopin e Debussy; e eu presto tributo ao génio poético e transcendental de Franz Liszt, numa viagem entre o sonho, o amor e o virtuosismo.

O Festival dos Capuchos é também um espaço de pensamento e partilha. As Conversas dos Capuchos, com curadoria de Carlos Vaz Marques, antecedem o Festival com três sessões dedicadas ao centenário de José Cardoso Pires, ao centenário da publicação de *O Processo*, de Franz Kafka, e a uma reflexão sobre o próprio tema do Festival – *Entre Mundos*.

Outras actividades paralelas enriquecem o Festival: os Prelúdios dos Capuchos – conversas pré-concerto moderadas por João Almeida; a Caminhada dos Capuchos, na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica; a Visita Guiada ao Convento dos Capuchos; e as Masterclasses dos Capuchos, com

destacados Professores das Universidades de Salzburgo, Oslo e Lucerna.

Com especial alegria, apresentamos também, pela primeira vez, a iniciativa Ópera para Crianças, com sessões da ópera *Bastien und Bastienne*, de Mozart, numa produção dirigida por António Wagner Diniz, destinada a alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A realização do Festival dos Capuchos 2025 é possível graças ao apoio, em primeiro lugar, da Câmara Municipal de Almada, do mecenas BPI/Fundação “la Caixa” e da Direcção-Geral das Artes. O nosso agradecimento ainda aos parceiros Companhia de Teatro de Almada, Âmbito Cultural do El Corte Inglés e RTP Antena 2. Uma palavra especial de reconhecimento a Sua Excelência o Presidente da República, pelo Alto Patrocínio concedido ao Festival.

Convidamos-vos a atravessarem connosco estes “mundos” sonoros e simbólicos. Que a Música nos guie, nos inspire e nos una – *entre mundos* e para além deles.



Filipe Pinto-Ribeiro
Director Artístico do
Festival dos Capuchos

CONCERTO DE ABERTURA

Entre Mundos: Mozart & Tchaikovsky

ORQUESTRA DE CÂMARA SUECA “MUSICA VITAE”

BENJAMIN SCHMID Violino e Direcção Musical

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791)	Concerto para Violino e Orquestra N.º 5 KV 219, “Turco”
	1. Allegro aperto
	2. Adagio
	3. Rondeau. Tempo di Menuetto
Pyotr Ilytch Tchaikovsky (1840–1893)	Souvenir de Florence, Opus 70
	1. Allegro con spirito
	2. Adagio cantabile e con moto
	3. Allegro moderato
	4. Allegro vivace

NOTAS AO PROGRAMA

Concebida em torno da ideia de interculturalidade, a edição de 2025 do Festival de Música dos Capuchos inicia-se com um programa encabeçado pela música do austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791). Reconhecido como o mais universal compositor da história da música ocidental, foi pináculo do idioma cosmopolita do classicismo vienense (em si mesmo, resultado da interpenetração das músicas francesa, italiana e alemã da recta final do século XVIII). A partitura do *Concerto para Violino e Orquestra*

n.º 5, KV 219 ficou completa no dia 20 de Dezembro de 1775. Mozart contava apenas dezanove anos de idade. Estabelecido em Salzburgo (desde 1773), trabalhava, então, sob a alçada do arcebispo Hieronymus Colloredo (com quem manteve uma relação quase sempre tensa). Das suas obrigações laborais fundamentais fazia parte a produção de música sacra, dever que ia cumprindo ainda que com pouco entusiasmo, pelo que acabaria por dedicar-se, paralelamente, à composição de música instrumental (suportada, em

grande parte, por patronos privados e não pela corte). Escrito na tonalidade de Lá Maior, o concerto deve o seu apelido – “Turco” – ao último dos seus três andamentos. O contacto com o Império Otomano (que controlou territórios significativos do sudeste da Europa Central entre o início do século XVI e o início do século XVIII) influenciou a música europeia, cujos protagonistas (sempre através da sugestão e nunca com a intenção de copiar) revelaram o estilo *alla turca* de diversas formas: na instrumentação (designadamente na utilização de novos instrumentos de percussão) e num tipo de escrita característico com recurso à repetição de notas, passagens em escalas ou em uníssono, melodias marcadas por intervalos proeminentes, harmonias simples e mudanças de dinâmicas repentinas. No caso do concerto KV 219, a referência mais óbvia ao estilo em questão aparece no *Tempo di Menuetto* final, nomeadamente no efeito resultante das passagens *col legno* dos violoncelos e dos contrabaixos, aqui tratados como se fossem instrumentos de percussão. Outras referências célebres, na obra de Mozart, verificam-se no terceiro andamento da *Sonata para Piano n.º 11*, KV 331 (composta, provavelmente, entre 1781 e 1783) e, de forma notável, no *singspiel* em três actos *Die Entführung aus dem Serail*, KV 384 (*O Rapto do Serralho*; estreado em Viena em 1782), cuja narrativa se apresenta como um apelo humanista ao entendimento entre povos e à condenação da imagem hostil tantas (e demasiadas) vezes colada – ontem, como hoje – a outras nacionalidades, ao elemento estrangeiro, à diferença.

O programa do concerto fica completo com a apresentação de *Souvenir de Florence*, Op. 70, de Pyotr Tchaikovsky (1840–1893), cujos primeiros esboços datam de 1887. O projecto haveria de concretizar-se entre os meses de Junho e Agosto de 1890 (na casa de campo do compositor em Frolovskoe, perto de Moscovo), na sequência de uma estadia de poucos meses na cidade italiana a que o título da obra alude, para onde Tchaikovsky tinha partido logo após a estreia do bailado *A Bela Adormecida*, Op. 66 (em Janeiro de 1890, no Teatro Mariinsky, em São Petersburgo) com o intuito de se concentrar na composição da ópera *A Dama de Espadas*, Op. 68. Estreada em Dezembro de 1890 (em São Petersburgo), a obra seria ainda alvo de revisão entre 1891 e 1892. Apesar do título e do lirismo sedutor de inflexão italiana que, de facto, é possível detectar no segundo andamento, *Souvenir de Florence* não se apresenta como uma obra de carácter programático. Escrita originalmente para sexteto de cordas (na senda dos sextetos de Johannes Brahms, de 1860 e 1866, e de Antonín Dvořák, de 1879), a partitura divide-se em quatro andamentos, evidenciando os dois últimos a filiação russa do compositor (no vigor melódico e rítmico, proveniente da tradição popular). A obra revela o domínio de Tchaikovsky no tratamento da desafiante textura musical e, sobretudo, a sua competência na técnica contrapontística, manifesta na magistral fuga do andamento final.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

ORQUESTRA MUSICA VITAE

Ao longo das últimas quatro décadas, desde a sua fundação em 1979, a Orquestra Musica Vitae afirmou-se como uma das principais orquestras de câmara da Suécia, com um repertório central enraizado na grande tradição clássica. Reconhecido pela sua excelência artística e notável versatilidade, o ensemble colaborou com numerosos maestros e solistas de prestígio, tanto suecos como internacionais, incluindo Janine Jansen, Martin Fröst, Christian Poltéra, Isabelle van Keulen, Terje Tønnesen, Vilde Frang, Mats Rondin e Anders Kjellberg Nilsson, entre muitos outros.

Recentemente, Benjamin Schmid, Thomas Dausgaard, Malin Broman, Fredrik Burstedt, Marc Soustrot, Daniel Blendulf e Tõnu Kaljuste desempenharam um papel essencial na trajectória artística da orquestra, trazendo novas perspectivas e enriquecendo ainda mais a sua identidade.

Para além do seu repertório tradicional, a Orquestra Musica Vitae está profundamente empenhada na inovação e na música contemporânea. O ensemble estreou e encomendou cerca de 250 obras a compositores consagrados e a jovens criadores oriundos dos conservatórios suecos. A sua abordagem aberta abraça não apenas a música experimental, mas

também o jazz, as tradições populares e programas especialmente concebidos para o público jovem.

A vasta discografia da Orquestra Musica Vitae inclui gravações aclamadas por editoras como a BIS, Caprice Records, db Productions e Nosag. Entre os destaques encontram-se obras de Bach, Mozart, Stenhammar, Peterson-Berger, Sibelius e de diversos compositores nórdicos contemporâneos.

Sediada na cidade de Växjö, no sul da Suécia, a Orquestra Musica Vitae integra a instituição Musik i Syd, que actua nas regiões de Skåne e Kronoberg, com a missão de levar a música ao vivo a públicos de todas as idades e origens. Fiel ao seu nome – “a música da vida” – a Orquestra Musica Vitae apresenta-se onde quer que a música possa ganhar vida: no seu espaço de concertos, Nygatan 6, em grandes salas, igrejas, cinemas reconvertidos ou até antigas oficinas ferroviárias. Estes encontros directos e significativos com o público continuam a ser o verdadeiro coração da missão artística da orquestra.



© MARTINA JONSSON

BENJAMIN SCHMID

Benjamin Schmid é amplamente reconhecido como um dos violinistas mais versáteis e notáveis da actualidade. A sua projecção internacional deu-se após vencer o Concurso Carl Flesch, em Londres, em 1992, onde recebeu igualmente os Prémios Mozart, Beethoven e do público. Desde então, tem-se apresentado como solista nas mais prestigiadas salas de concerto do mundo, acompanhado por orquestras de referência como a Filarmonica de Viena, Concertgebouw de Amesterdão, Philharmonia Orchestra de Londres e Gewandhaus de Leipzig. Reconhecido pelo seu virtuosismo, clareza expressiva e versatilidade singular, Schmid alia o grande repertório clássico a concertos raramente interpretados, de compositores como Korngold, Gulda, Weill, Dutilleux e Weinberg, sendo igualmente considerado um músico exímio no âmbito do jazz. Conta com mais de 60 álbuns aclamados, incluindo interpretações premiadas tanto do repertório tradicional como de obras

© LEO NEUMAYR



menos conhecidas. A sua gravação do Concerto de Korngold com a Filarmonica de Viena, sob a direcção do Maestro Seiji Ozawa, foi considerada uma das “Dez Melhores Gravações ao Vivo de Sempre” pela revista Fono Forum.

Intérprete apaixonado por Mozart, Schmid foi distinguido com diversos prémios pelas suas gravações e investigações sobre o compositor, incluindo a Medalha Paumgartner da Fundação Mozarteum. Em 2023, lançou novas gravações dos Concertos para Violino n.º 3, 4 e 5 de Mozart, bem como um álbum original com concertos para violino de jazz, da autoria de Sabina Hank, Herbert Berger e Friedrich Gulda, em colaboração com a Orquestra de Câmara Sueca Musica Vitae. Entre os destaques das suas temporadas mais recentes incluem-se concertos nos festivais de Salzburgo, Bregenz, no Musikverein de Viena, e digressões ao Japão, Singapura e aos Estados Unidos da América, além de numerosos concertos com a Musica Vitae e colaborações com trio de jazz.

Schmid é Professor de Violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo, director artístico do Festival ClassixKempten, na Alemanha, e presidente do júri do Concurso Internacional Mozart de Salzburgo. Benjamin Schmid é retratado como um dos mais importantes violinistas no livro “Os Grandes Violinistas do Século XX”, da autoria de Jean-Michel Molkou, publicado pela editora Buchet-Chastel em 2014. Toca com um violino Stradivarius “ex Viotti” (1718), cedido pelo Banco Nacional da Áustria, e um violino moderno construído por Wiltrud Fauler, em 2015.

Jazz Violin Concertos

ORQUESTRA DE CÂMARA SUECA "MUSICA VITAE"

BENJAMIN SCHMID Violino e Direção Musical

PROGRAMA

Herbert Berger (1969 –)	Metropoles Suite * Concerto para Violino e Orquestra 1. <i>Insomnia</i> 2. <i>El Largo Adiós</i> 3. <i>A La Minute</i> 4. <i>Avenida</i>
William Kroll (1901–1980)	Banjo and Fiddle **
Heinz Provost (1891–1959)	Souvenir de Vienne **
Manuel Ponce (1882–1948)	Estrellita **
Riccardo Drigo (1846–1930)	Valse Bluettes **
Flausino Vale (1894–1954)	Ao Pé da Fogueira **
Pyotr Ilych Tchaikovsky (1840–1893)	Valse Sentimentale **
Aram Khachaturian (1903–1978)	Sabre Dance **
Friedrich Gulda (1930–2000)	Wings * Concerto para Violino, Orquestra de Cordas e Secção Rítmica 1. <i>Liberamente sempre</i> 2. <i>Lento</i> 3. <i>Liberamente</i> 4. <i>Allegro assai. Solo Improvisations</i>

* ESTREIA EM PORTUGAL

** ARRANJO DE JASCHA HEIFETZ / MÁRTEN SUNDÉN

NOTAS AO PROGRAMA

A interação entre música popular e a chamada música de concerto (de tradição erudita e escrita) constituiu-se como uma linha de desenvolvimento relevante na história da música ocidental do século XX. Observem-se, nesse sentido, os casos da influência da música popular em Satie (em *Parade*, de 1917), Stravinsky (em *Histoire du soldat*, de 1918) ou Kurt Weil (em *Mahagonny*, de 1927, *songspiel* em três partes fruto da primeira colaboração entre Weill e o dramaturgo alemão Bertold Brecht). No caso do jazz, a sua influência – óbvia em inúmeros compositores americanos, como Gershwin (em *Rhapsody in Blue*, de 1924, *Concerto em Fá*, de 1925, ou *An American in Paris*, de 1928) ou Copland (no *Concerto para Piano*, de 1926) – revelou-se também em vários compositores europeus, como Debussy (ele próprio sistematicamente referido como elemento de grande ascendência em desenvolvimentos posteriores da linguagem harmónica do jazz), Ravel (no *Concerto para Piano em Sol Maior*, de 1931), Stravinsky (em *Piano-Rag-Music*, de 1919), ou Hindemith (em *Tanzstücke*, Op. 19, de 1920, e *Suite "1922"*, Op. 26, de 1922). Mais recentemente (a partir da década de 1950), o movimento que ficou conhecido por *Third Stream* (Terceira Corrente) tem representado uma tentativa totalmente consciente de fundir elementos do jazz e da música de concerto numa nova unidade. O conceito – cunhado em 1957 pelo compositor nova-iorquino Gunther Schuller (1925–2015) e ilustrado no seu *Concertino para Quarteto de Jazz e*

Orquestra, de 1959) – refere-se à produção de um tipo de música (através da improvisação, da composição escrita ou de ambos os procedimentos) que resulta da síntese das características, procedimentos e técnicas essenciais da música contemporânea de tradição erudita e de outras tradições musicais. Uma vez ultrapassado o risco da justaposição de um certo exotismo estilístico a um determinado e estabelecido idioma musical, os melhores exemplos verificam-se na genuína "fertilização cruzada" que tem ocorrido na obra de músicos profundamente enraizados nas duas tradições em causa, como o compositor americano Milton Babbitt (1916–2011), o violinista francês André Hodeir (1921–2011), os trombonistas americanos J. J. Johnson (1924–2001) e William Russo (1928–2003), o compositor americano Larry Austin (1930–2018), o saxofonista americano Anthony Braxton (n. 1945), entre muitos outros. As obras dos austríacos Herbert Berger (n. 1969) e Friedrich Gulda (1930–2000) abarcadas no alinhamento do concerto podem, de certa forma, ser entendidas sob a lente do movimento acima descrito. Berger tem firmado carreira, desde finais da década de 1980, enquanto saxofonista e compositor no universo do jazz; o percurso de Gulda – que alcançou reconhecimento internacional graças a leituras limpas e objectivas de Bach, Mozart, Beethoven e Schubert, suportadas pelo virtuosismo técnico e uma notável noção de estilo do pianista (particularmente evidente nas cadências que costumava improvisar) – demarcou-se, a partir dos anos

de 1960, pela exploração de novas vias de comunicação, alicerçadas no interesse de Gulda pela linguagem do jazz. Separadas por cerca de quarenta e cinco anos, *Metropoles Suite* (composta originalmente para harmónica e orquestra de cordas, em 2018, e posteriormente adaptada por Berger, em 2023, para o violino de Benjamin Schmid) e *Wings* (peça de concerto para violino solo, orquestra de cordas e secção rítmica, de 1973) estão unidas pela forma como combinam as possibilidades de desenvolvimento intrínsecas às formas de grande escala (no caso, no âmbito do género concertante) e a vitalidade rítmica do jazz, pondo em evidência a versatilidade e as capacidades de improvisador do solista.

O bloco central do alinhamento do programa é composto por um conjunto

variado de peças da autoria de Pyotr Tchaikovsky (1840-1893; *Valse Sentimentale*, Op. 51. N.º 6, de 1882), Riccardo Drigo (1846-1930; *Valse Bluette*, de 1903), Manuel Ponce (1882-1948; *Estrellita*, de 1912), Heinz Provost (1891-1959; *Souvenir de Vienne*, de 1936), Flausino Vale (1894-1954; *Ao Pé da Fogueira*, prelúdio composto na década de 1930), William Kroll (1901-1980; *Banjo and Fiddle*, de 1945) e Aram Khachaturian (1903-1978; *Sabre Dance*, do bailado *Gayane*, de 1942), tornadas célebres (na sua maioria) através das interpretações do violinista virtuoso Jascha Heifetz (1901-1987), cujo nome permanece para muitos como sinónimo de perfeição técnica.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

BIOGRAFIAS

ORQUESTRA MUSICA VITAE

Ver página 10

BENJAMIN SCHMID

Ver página 11

500 ANOS DE CAMÕES

A Música da Lírica Camoniana

CONCERTO ATLÂNTICO

PEDRO CALDEIRA CABRAL Direcção Musical, Viola Tiple de Arco, Descante e Flautas

MARIA REPAS GONÇALVES Soprano, Tambor e Pandeireta

SUSANA MOODY Contralto, Violas Tiple e Baixa de Arco e Tambor

NINA REPAS GONÇALVES Viola Baixa de Arco

JOAQUIM ANTÓNIO SILVA Viola Tenor de Arco, Alaúde e Viola de Mão

DUNCAN FOX Viola Contrabaixa de Arco e Atabaque

PROGRAMA

Luís de Camões (1524/5-1580)	Quem ora soubesse Descalça vai pera a fonte
António de Macedo (ca. 1525-1600)	Tento a quatro em ré
Luís de Camões	Que vistes meus olhos? Lágrimas de Saudade
António Carreira (1530-1589)	Canção a quatro glosada
Luís de Camões	Pastora da Serra da Estrela Irme quiero Madre Minina dos olhos verdes
D. Heliodoro de Paiva (ca. 1502-1552)	Tento do V Tom
Luís de Camões	Partir não m'atrevo Verdes são os campos
António Carreira	Tento a 5 sobre cantus firmus
Luís de Camões	Na fonte está Lianor Ó meus altos pensamentos

NOTAS AO PROGRAMA

Luís de Camões (1524-1580), por todos considerado uma figura ímpar da cultura portuguesa e um dos grandes poetas do Renascimento europeu, foi igualmente personalidade controversa, crítico da sociedade do seu tempo, viajante aventureiro, soldado, pensador e, muito possivelmente, cantor e músico também. Esta faceta, menos conhecida hoje (apesar de já apontada por João de Freitas Branco no seu ensaio “A Música na obra de Camões”), é sugerida pelas inúmeras referências a práticas musicais na sua obra poética e em especial à particular minúcia descritiva das qualidades do canto: a voz rouca, a voz sussurrante, as dimensões de intensidade e timbre, próprias de quem conheceu de perto a prática vocal, os cantos de trabalho, o canto distractivo, ou os celebrados versos de sonetos em que diz: “*Eu cantei já, agora vou chorando*” ou “*Quem canta seus males espanta*”, etc. Indica também alguns dos instrumentos musicais mais comuns no seu tempo como a *guitarra*, a *viola* e a *cítara*, bem como outros populares, em contexto jocoso, como a *gaita*, a *buzina*, o *chocalho*, o *pentem* e a *telhinha*, etc. Entre os costumes educativos dos fidalgos em uso no tempo de Camões, compilados no famoso livro *Il Cortegiano*, de Baldesar Castiglione, contavam-se as práticas da equitação, da esgrima, da caça e das artes, como o teatro, a dança, a música instrumental, o canto e a poesia, sendo que estas últimas, desde a Antiguidade, se consideravam inseparáveis e que, em Castiglione, as encontramos com a referência explícita da prática corrente de cantar acompanhado de quatro ou cinco violas de arco. No caso de Portugal em concreto, existia uma forte tradição poético-musical

secular palaciana desde o período trovadoresco (séculos XIII / XIV), retomada com intensidade a partir da segunda metade do século XV. É neste contexto que devemos inserir a produção lírica camoniana, à qual tem faltado nos tempos modernos a dimensão musical que a acompanhava na origem, com a devida instrumentação, de acordo com as fontes literárias e musicais desse período. Com a redescoberta recente (anos 1980/90) de quatro novos cancioneiros peninsulares, contendo poesia e música polifónica secular dos séculos XV, XVI e XVII, tendo algumas das peças os versos do nosso maior poeta do renascimento, foi possível iniciar a reconstrução da dimensão musical da produção lírica de Camões, seguindo de perto uma prática por ele próprio enunciada à cabeça de alguns dos seus versos: a da *música contrafacta*. Expliquemos: Na época de Camões, tal como ainda hoje em dia sucede, a uma mesma base musical os poetas aplicavam diferentes textos e esta é provavelmente uma das razões para que tanta da produção lírica do século XVI chegasse até nós sem música, apesar de muitos destes poemas se basearem em “cantos velhos” ou “cantiga de todos sabida” como nos indicam os editores de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Bernardes, de Camões e de Andrade de Caminha, entre outros. É essa lacuna que procurámos suprir, ao seleccionarmos para este programa um conjunto de poemas escritos por Camões, com músicas provenientes de cancioneiros ibéricos, às quais juntamos de forma intercalar, algumas peças da produção instrumental bem conhecida na época em que o poeta viveu.

Pedro Caldeira Cabral



CONCERTO ATLÂNTICO

O nome deste grupo é formado por duas palavras plenas de significado para os portugueses e directamente relacionadas com a música que interpreta: a palavra Concerto era usada no Renascimento para designar conjuntos instrumentais ou grupos de vozes e instrumentos tocando simultaneamente; o Atlântico é a matriz, espaço e símbolo, via que possibilitou no passado o sonho da expansão e o encontro de culturas e povos que nos enriquece no presente. O Concerto Atlântico é formado por especialistas na interpretação de música dos séculos XV a XVII, utilizando instrumentos históricos (cópias de instrumentos da época) com critérios interpretativos que procuram valorizar aspectos da expressividade do repertório a que se tem dedicado.

Fundado e dirigido por Pedro Caldeira Cabral, o grupo, formado em 1991, tem efectuado inúmeros

concertos no território continental e regiões autónomas da Madeira e dos Açores. Tem além disso actuado no estrangeiro, nomeadamente na Holanda (Utreque, Holland Festival, 1992), Marrocos (Festival Internacional de Rabat, 1992 e 1993), França (Paris, 1993 e 1994), Inglaterra (Londres, 1994) e Alemanha (Berlim, 2007).

O Concerto Atlântico tem-se também apresentado com alguma regularidade na Rádio (Antena 2, Portugal, VPRO, Holanda, BBC 3, Inglaterra, Radio France Culture, França, ZDF, Alemanha, etc) e Televisão (RTP 2) e gravou um CD intitulado “Meus olhos vão pelo Mar...”.

É até hoje o único quinteto de Violas de Arco em Portugal, sendo os seus membros poli-instrumentistas e formando também actualmente o único coro de Charamelas no nosso país. Tem realizado programas especiais com formações corais de adultos e crianças, bem como com actores e bailarinos especializados na dança renascentista.



PEDRO CALDEIRA CABRAL

Reconhecido internacionalmente como compositor e multi-instrumentista, conta já com mais de cinco décadas de carreira, uma das mais prolíficas e prestigiantes na cena musical nacional.

Investigador na área da música antiga e da guitarra portuguesa, tem publicado livros e artigos sobre organologia musical e, nesse âmbito, tem realizado conferências na Europa, Brasil, Colômbia, E.U.A. e Macau.

Com uma vasta discografia editada que inclui quase duas dezenas de obras, dedicada principalmente à música antiga, às suas composições originais e ao repertório solístico da cítara portuguesa, tem dado, na qualidade de solista, concertos nas principais salas e festivais da Europa, Estados Unidos da América, Colômbia, Macau e Brasil.

Desde 1970, participou e programou

diversos festivais, representou Portugal em eventos institucionais de grande prestígio e chegou a estar na génese do movimento World Music, apresentando-se com frequência no Festival Womad de Peter Gabriel. Como compositor, tem criado música para cinema, teatro e bailado.

Em 2017, Pedro Caldeira Cabral foi agraciado em reconhecimento do seu trabalho de criação musical, investigação, divulgação e promoção internacional da cultura musical portuguesa com o Grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, atribuído pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Esta ordem distingue as pessoas que reconhecidamente prestaram serviços relevantes a Portugal, dentro e fora do país, em prol da cultura portuguesa e para conhecimento de Portugal, da sua História e dos seus valores.

RECITAL DE PIANO

Chopin & Debussy

DANG THAI SON Piano

PROGRAMA

1.ª Parte · Claude Debussy
(1862–1918)

Rêverie

Images, Livre 1

1. Reflets dans l'eau
2. Hommage à Rameau
3. Mouvement

Masques

Children's Corner

1. Doctor Gradus ad Parnassum
2. Jimbo's Lullaby
3. Serenade for the Doll
4. The Snow Is Dancing
5. The Little Shepherd
6. Golliwog's Cake-walk

2.ª Parte · Frédéric Chopin
(1810–1849)

Dois Nocturnos: N.º 21 e N.º 20 Opus Posth.

Barcarola Opus 60

Quatro Valsas: N.º 15 e N.º 17 Opus Posth.;

Opus 70 N.º 1; Opus 69 N.º 2

Scherzo N.º 2 Opus 31

NOTAS AO PROGRAMA

Claude Debussy (1862–1918) foi uma das mais relevantes figuras no panorama musical do seu tempo. A sua produção – em conjunto com a do pintor pós-impressionista Paul Cézanne e do poeta simbolista Stéphane Mallarmé – haveria de constituir-se como um dos três pilares fundamentais do movimento do Modernismo francês. Partindo da influência da obra dos franceses Emmanuel Chabrier (1841–1894) e Gabriel Fauré

(1845–1924), da música russa e muito particularmente de Modest Mussorgsky (1839–1881), mas também da sonoridade dos ragas indianos ou do gamelão javanês (que descobriu na Exposição Universal de Paris, em 1889), Debussy acabaria por afastar-se (de forma decisiva) da ideologia conceptual da obra de arte do Romanismo alemão e forjar uma estética musical altamente original (assente, entre outros

aspectos, no tratamento inovador conferido aos parâmetros da harmonia, da cor e do timbre), em busca de uma nova espontaneidade na expressão.

A música para piano ocupa uma posição especial no catálogo de Debussy e assume-se – a par da de Maurice Ravel (1875–1937) – como um dos mais importantes contributos para o repertório pianístico do início do século XX. A peça *Rêverie* remonta a um período de instabilidade financeira na vida do compositor, em que o seu futuro profissional se apresentava incerto: composta por volta de 1890 (tal como a célebre *Suite Bergamasque*), foi concebida com um propósito comercial e encontra, ainda hoje, lugar entre as peças mais populares de Debussy. A obra *Images* é constituída por duas séries de três peças, tendo a composição da primeira (que será interpretada no recital) acontecido entre 1901 e 1905.

O primeiro número do tríptico, *Reflets dans l'eau*, denuncia a sensibilidade de Debussy relativamente a estímulos provenientes da Natureza, no caso, a um dos seus temas preferidos, a Água (abordado em diversas peças do compositor, como *Sirènes*, *La cathédrale engloutie*, *La Mer*, entre outras). No número seguinte, *Hommage à Rameau* (em estilo de *sarabande*), Debussy presta tributo à história da música francesa, designadamente à escola de cravistas franceses, aqui representada através da referência a Jean-Philippe Rameau (1683–1764). O tríptico termina com o animado *Mouvement*, em estilo *moto perpetuo*. As peças *Masques* e *Children's Corner* (compostas, respectivamente, nos períodos de 1903–1904 e 1906–1908) relacionam-se com aspectos circunstanciais da vida familiar de Debussy: o carácter sombrio de *Masques* estará associado à separação muito conturbada, em 1904, de Debussy e da sua primeira mulher, Lilly Texier; *Children's Corner* foi dedicada à única filha do compositor, Claude-Emma

(a quem Debussy chamava, carinhosamente, Chouchou), nascida em 1905. A segunda parte do recital será preenchida com música de Frédéric Chopin (1810–1849), à memória de quem, aliás, Debussy dedicou a sua última obra importante para piano, os *Douze Études* (de 1916). Enquanto Monsieur Croche (*alter ego* de Debussy), o compositor expressou gratidão e apreço pelo pianista polaco, afirmando mesmo que *Barcarolle*, Op. 60 (de 1846) era uma das suas peças favoritas. Para além da referida *Barcarolle*, serão também interpretados os *Nocturnos n.º 20 e 21* (compostos, respectivamente, em 1830 e 1837 mas publicados apenas após a morte de Chopin); as *Valsas* Op. 69, n.º 2 (de 1829), Op. 70, n.º 1 (de 1832) e n.os 15 e 17 (escritas, provavelmente, entre 1829 e 1830 mas publicadas postumamente); e, para finalizar o recital, o *Scherzo* n.º 2, Op. 31 (de 1837). Pela natureza e sofisticação das suas *nuances* expressivas, trata-se, portanto, de repertório idealmente talhado para o intimismo característico do ambiente “de salão”. Chegado a Paris, no Outono de 1831, foi, de facto, no contexto dos salões privados da alta sociedade parisiense (e não no espaço da “sala de concerto”) que Chopin acabaria por destacar-se, contrariando assim o destino expectável para um virtuoso de superlativo calibre. O seu estilo de escrita (e de interpretação) divergiu, com efeito, do pianismo de bravura em voga no início do século XIX: moldado a partir de alguns elementos da práxis vienense (com raízes em Mozart e Hummel) e de um lirismo derivado das escolas francesa e inglesa (com referências em Adam, Clementi e Field), Chopin criou uma síntese única, cujos traços idiomáticos incorporam (de forma muitíssimo apurada) todo o potencial técnico e expressivo do piano.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

**DANG
THAI SON**

Reconhecido como um músico extraordinário no panorama mundial, o pianista vietnamita-canadiano Dang Thai Son projectou-se para a vanguarda internacional em Outubro de 1980, ao ser galardoado com o Primeiro Prémio e a Medalha de Ouro no X Concurso Internacional de Piano Chopin, em Varsóvia. Foi, igualmente, a primeira vez que um pianista asiático venceu um dos principais concursos mundiais.

Iniciou os estudos de piano com a sua mãe, em Hanói. Descoberto pelo pianista russo Isaac Katz, aquando de uma visita ao Vietname em 1974, prosseguiu os seus estudos superiores no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, sob a orientação de Vladimir Natanson e Dmitry Bashkirov.

Desde a vitória no Concurso Chopin, a sua carreira internacional levou-o a mais de quarenta países, actuando frequentemente em salas de renome mundial, como o Lincoln Center (Nova Iorque), Barbican Center (Londres), Salle Pleyel (Paris), Herkulessaal (Munique), Concertgebouw (Amesterdão), Opera House (Sydney) e Suntory Hall (Tóquio).

Tocou como solista com diversas orquestras de referência mundial, como a The Philharmonia Orchestra, BBC Philharmonic, City of Birmingham Symphony Orchestra, Orchestre de Paris, Filarmónica de São Petersburgo, Orchestre Symphonique de Montréal,

Filarmónica Checa, Staatskapelle Berlin, Filarmónica Nacional de Varsóvia, Sinfonia de Praga, NHK Symphony, New Japan Philharmonic, Filarmónica de Helsínquia, Orquestra Sinfónica de Sydney, Orquestra Estatal Húngara, Filarmónica de Moscovo e Ensemble Orchestral de Paris. Apresentou-se sob a direcção de maestros como Sir Neville Marriner, Vladimir Ashkenazy, Pinchas Zukerman, Mariss Jansons, Paavo Järvi, Iván Fischer, Frans Brüggen, Vladimir Spivakov, Dimitri Kitaenko, Sakari Oramo e John Nelson, entre muitos outros.

Entre os momentos mais marcantes da sua carreira, destaca-se o concerto de Ano Novo de 1995, com Yo-Yo Ma, Seiji Ozawa, Kathleen Battle e o saudoso Mstislav Rostropovich, num grande evento internacional produzido pela NHK (Rádio Televisão Japonesa).

É frequentemente convidado a leccionar masterclasses em todo o mundo e os seus alunos têm conquistado os mais prestigiados prémios internacionais - incluindo Bruce Liu, vencedor do Concurso Internacional Chopin de 2021, em Varsóvia.

Gravou para editoras como a Deutsche Grammophon, Melodya, Polskie Nagrania, CBS Sony, Analekta, Victor JVC e para o Instituto Chopin.

Em Setembro de 2018, recebeu a Medalha de Ouro “Zasłużony Kulturze Gloria Artis”, atribuída pelo Ministério da Cultura da Polónia – a mais alta distinção cultural polaca.

@TANGLING



Festival^{dos}
Capuchos

ALMADA
PORTUGAL
2025

Songs of Exile

THE NAGHASH ENSEMBLE OF ARMENIA

HASMIK BAGHDASARYAN Soprano

TATEVIK MOVSESYAN Soprano

SHAHANE ZALYAN Contralto

HARUTYUN CHKOLYAN Duduk

ARAM NIKOGHOSYAN Oud

TIGRAN HOVHANNISYAN Dhol, Dumbek, Daf

JOHN HODIAN Piano



THE NAGHASH ENSEMBLE OF ARMENIA

O Naghash Ensemble é um dos projectos musicais mais originais e marcantes a emergir da Arménia nos últimos anos. Criado pelo compositor armeno-americano John Hodian, o ensemble funde a espiritualidade telúrica da música tradicional arménia com elementos da música clássica contemporânea, pós-minimalismo e a energia do jazz e do rock. No centro do projecto está a poesia de Mkrtych Naghash, místico e sacerdote arménio do século XV, cujas meditações sobre o exílio, a fé e a fragilidade humana servem de base ao ciclo musical *Songs of Exile* (Canções do Exílio). Descrito pelo compositor Tigran Mansurian como “o som da antiga Arménia reinventado para o século XXI”, o Naghash Ensemble reúne alguns dos melhores músicos da Arménia, conjugando vozes líricas com instrumentos tradicionais como o duduk, o oud e o dhol, acompanhados pelo piano. O grupo tem sido aclamado pela crítica em toda a Europa, pelos seus concertos ao vivo e gravações inovadoras.

Desde a sua estreia em 2014, o ensemble lançou três volumes de *Songs of Exile* – *Wanderer*, *Credos & Convictions* e *Lamentations & Benedictions* – seguidos de um álbum ao vivo em 2021. A próxima gravação de estúdio, *Songs of Wisdom*, baseada na poesia de Kostandin Erznkaci, tem lançamento previsto para 2025.

A génese do grupo remonta ao momento em que John Hodian ouviu a cantora Hasmik Baghdasaryan interpretar música sagrada no antigo Templo de Garni. Esse instante inspirou-o a musicar os textos intemporais de Naghash. A obra resultante aborda a experiência universal do desenraizamento e da busca espiritual. Como explica Hodian, “As palavras de Naghash são um espelho do nosso tempo – dirigem-se tanto aos poderosos como aos desprotegidos, aos crentes e aos cépticos.”

Unindo passado e presente, Oriente e Ocidente, o Naghash Ensemble oferece uma voz singularmente arménia no panorama da música contemporânea mundial – profundamente enraizada e ousadamente inovadora.

PIAZZOLLA & NISINMAN

A História do Tango

MARCELO NISINMAN Bandoneón

CHEN HALEVI Clarinete

TIAGO PINTO-RIBEIRO Contrabaixo

ROSA MARIA BARRANTES Piano

PROGRAMA

Astor Piazzolla (1921–1992)	Histoire du Tango * 1. Bordel 2. Café 1930 3. Night Club 1960 4. Concert d'Aujourd'hui
Pedro Datta (1887–1934)	El aeroplano *
Astor Piazzolla (1921–1992)	Oblivión *
Marcelo Nisinman (1970–)	Chen's Tango II
Carlos Gardel (1890–1935)	Cuando tu no estás *
Rosendo Mendizábal (1868–1913)	El entrerriano *
Astor Piazzolla	Adiós Nonino *
Marcelo Nisinman	Hombre Tango

* ARRANJO DE MARCELO NISINMAN

NOTAS AO PROGRAMA

Popularizado por Carlos Gardel (1890–1935) – verdadeiro ídolo popular na Argentina e figura decisiva no processo de celebração do tango na Europa – o tango permanece nos dias de hoje indissociável do vulto de Astor Piazzolla (1921–1992). Assente na sonoridade veemente do *bandoneón* do argentino Marcelo Nisinman (n. 1970) e pontuado por algumas

das mais famosas peças do repertório tangueiro, o alinhamento do presente concerto proporciona uma viagem pelos matizes de um dos mais expressivos símbolos do “carácter portenho”. Durante o século XIX, em Espanha e em diversos países latino-americanos, a palavra tango designou vários tipos de danças, canções e festejos

comunitários. Na Argentina, o género desenvolveu-se no contexto da cultura suburbana das zonas pobres e periféricas de Buenos Aires, que integrava aspectos provenientes da tradição pampa ou gaúcha e elementos introduzidos por imigrantes europeus a partir de 1870. Do ponto de vista musical (sobreretudo no que respeita ao parâmetro rítmico), o tango – entendido como género latino-americano de canção e de dança, actual e internacionalmente reconhecido enquanto principal canção e dança urbana argentina e uruguaia – está intimamente relacionado com a *contradanza* cubana, a *habanera* (a partir da qual se desenvolveu o maxixe) e o tango cubano (os dois últimos já amplamente disseminados pela América Latina em meados do século XIX), partilhando estas três danças o recurso predominante a uma métrica em compasso simples e a padrões de acompanhamento com células pontuadas ou sincopadas. Do ponto de vista programático, o género revela amiúde uma perspectiva pessimista, fatalista e muito dramática do amor e da vida, remetendo também para temas de cariz social (principalmente no caso do tango-*canción*, através do qual se pode ilustrar o processo de transformação do tango, sobretudo na década de 1930, numa forma de expressão urbana de maior alcance). Piazzolla conciliou, desde cedo, a filiação na linguagem do tango (enquanto *bandoneonista*) com a sua formação no âmbito da música erudita ocidental, tendo estudado composição com Alberto Ginastera, em 1941, e mais tarde, em 1954, com uma das mais importantes e influentes pedagogas do século XX, Nadia Boulanger, em Paris. A sua proposta inovadora, o *nuevo tango*, deparou-se com alguma resistência no seu próprio país: para os que defendiam as fileiras da “velha guarda”, a música que apresentava não era tango (devido à “contaminação” da matriz tradicional do género pela utilização acentuada do cromatismo e da dissonância e pelo recurso a texturas como a da fuga e a

elementos provenientes do jazz). Desta forma, a aceitação generalizada da obra de Piazzolla haveria de verificar-se primeiramente além-fronteiras (sobretudo em França e nos Estados Unidos da América). Escrita originalmente para flauta e guitarra (em 1985), a peça *Histoire du Tango* (uma das mais populares partituras do repertório para os dois instrumentos) apresenta-se, justamente, como uma ilustração do percurso e das transformações que o tango incorporou ao longo do século XX, de resto, identificadas em cada um dos títulos dos quatro números que a compõem. Da autoria de Piazzolla serão também interpretados dois dos seus tangos mais célebres, *Oblivion* (originalmente composto para o filme *Enrico IV*, de Marco Bellocchio, de 1984) e *Adiós Nonino* (escrito em 1959, em memória de seu pai). Os arranjos de todos os números que compõem o programa são da autoria de Marcelo Nisinman, que apresentará também duas peças suas: *Chen's Tango II* e *Hombre Tango*. Apontado como verdadeiro discípulo de Piazzolla (com quem, aliás, contactou de forma muito próxima), Nisinman estudou *bandoneón* com o argentino Julio Óscar Pane, aprendizagem que conciliou (tal como Piazzolla) com a sua formação erudita, tendo estudado composição com Guillermo Graetzer, em Buenos Aires, e Detlev Müller-Siemens, em Basileia. O alinhamento do concerto fica completo com a interpretação de *El Aeroplano* (de 1913), valsa do pianista e compositor argentino Pedro Domingo Datta (1887–1934); *Cuando tu no estás* (de 1932), famoso tango-*canción* originalmente composto por Carlos Gardel e Marcel Lattès (sobre o poema de Alfredo Le Pera e Mario Battistella) para o filme *Melodía del Arrabal*, de Louis J. Gasnier; e *El entrerriano* (de 1897), o tango mais conhecido da autoria do pianista e compositor argentino Rosendo Mendizábal (1868–1913).

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

MARCELO NISINMAN

Natural de Buenos Aires, Marcelo Nisinman é um dos mais conceituados bandoneonistas solistas do nosso tempo, além de autor de uma vasta obra enquanto compositor e arranjador, que vai desde solos até obras para orquestra sinfónica.

Estudou bandoneón, com Julio Pane, e composição, com Guillermo Graetzer em Buenos Aires e com Detlev Müller-Siemens na Akademie für Musik de Basileia, na Suíça. Aquando dos estudos na sua cidade natal, teve a oportunidade de contactar de perto com Ástor Piazzolla, desenvolvendo entre ambos uma relação única de mestre e discípulo. Reconhecido como um dos mais destacados solistas de bandoneón da actualidade, Marcelo Nisinman tem tocado com músicos como Martha Argerich, Gidon Kremer, Gary Burton, Fernando Suárez Paz, Irmãos Assad, e orquestras como Orquestra de Filadélfia sob a direcção de Charles Dutoit, Luzerner Sinfonieorchester, WDR Big Band, Orquestra Filarmónica de Belgrado, entre outras.

Foi Compositor Residente em diversos festivais de música, como o Oxford Chamber Music Festival, e foi convidado como compositor e intérprete em festivais como o Kuhmo Chamber Music Festival (Finlândia), Boswil

Festival (Suíça), Stift Festival (Holanda), Obertöne Kammermusik Festival (Áustria), Festival du Jura (Suíça), Zeitkunst Festival (Berlim e Paris) e o Sonoro Festival (Roménia).

Nisinman compôs várias obras orquestrais que integram o bandoneón, como a peça «Dark Blue Tango» (edições Ricordi), estreada na sua versão de câmara pela Orchestra Musiques des Lumières e, na versão para orquestra sinfónica, pela Orquestra Sinfónica Nacional Argentina, ambas sob a direcção de Facundo Agudín.

Colabora regularmente, como compositor e intérprete, em diversos projectos musicais e gravações com artistas como Daniel Rowland, Filipe Pinto-Ribeiro, Diana Ketler, Alberto Mesirca, Julia Schröder, Anna Fedorova, Natacha Kudritskaya, Chen Halevi, Maja Bogdanovic, Felix Froschhammer, Gareth Lubbe, Philippe Graffin, Helena Winkelman, Rui Lopes, Zoran Markovic, Alfredo Perl e a Baltic Neopolis Orchestra, entre outros.



©MARIANESTEROVSKA



CHEN HALEVI

Chen Halevi é considerado um dos mais destacados clarinetistas a nível mundial, apresentando-se com igual sucesso em recitais, concertos com orquestra e música de câmara. É reconhecido pela impressionante amplitude do seu repertório, que abrange desde a música contemporânea mais exigente até à interpretação de música antiga em instrumentos históricos.

Aos quinze anos, a sua estreia como solista com a Orquestra Filarmónica de Israel, sob a direcção de Zubin Mehta, causou sensação. Desde então, tem-se apresentado com algumas das mais importantes orquestras dos Estados Unidos, Europa e Japão, incluindo a Filarmónica de Israel, Orquestra Sinfónica de Tóquio, European Soloists, Orquestra de Câmara de Heilbronn, Virtuosi de Moscovo, Orquestra da Rádio de Jerusalém, Filarmónica de Leipzig (MDR), Orquestra Sinfónica da NDR de Hamburgo e Deutsche Symphonie-Orchester Berlin.

Natural do deserto do Negev, em Israel, estudou clarinete com Yitzhak Kazap e Richard Lesser, tendo prosseguido os estudos de música de câmara com Mordechai Rechtman e Chaim Taub. Chen Halevi é frequentemente convidado para participar nos principais festivais de Verão, como Marlboro, Ravinia e Santa Fe, nos Estados Unidos, Schleswig-Holstein, Colmar, Forcalquier,

Prússia Cove, Davos, Rolandseck, Aldeburgh e Verbier, bem como no PMF Festival, no Japão, e no Perth International Arts Festival, na Austrália. Apaixonado pela música de câmara, tocou com músicos como Pinchas Zuckerman e Christoph Eschenbach, bem como com vários quartetos de cordas de renome internacional, incluindo os quartetos Keller, Szymanowski, Fine Arts, Miró, Prazák, St. Lawrence, Arcanto, Vogler e Kronos. É internacionalmente reconhecido como especialista na interpretação de música contemporânea. O ensino e a realização de masterclasses constituem uma prioridade na sua carreira. Actualmente, é Professor de Clarinete na Hochschule für Musik de Trossingen, na Alemanha, e tem viajado por todo o mundo para dar masterclasses, divulgando o seu método de ensino e interpretação. Desde 2007, integra o corpo docente das masterclasses de Verão do Banff Centre, no Canadá.



@RITA CARMO

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Tiago Pinto-Ribeiro, reconhecido como um dos contrabaixistas portugueses de maior prestígio internacional, nasceu no Porto e estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Prosseguiu a sua formação na Universidade das Artes de Berlim (UdK), na classe do professor Michael Wolf, concluindo o Diploma Artístico e o Mestrado em Contrabaixo.

Ao longo do seu percurso, foi distinguido internacionalmente em várias ocasiões, como no Concurso Internacional de Contrabaixo, em Houston (EUA), tendo sido laureado com o 1.º Prémio no Concurso Internacional Júlio Cardona. Integrou algumas das mais prestigiadas orquestras internacionais, como a Orquestra Sinfónica da NDR de Hamburgo, Orquestra Filarmónica da NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica

da Galiza e Orquestra Sinfónica de Berlim, trabalhando sob a direcção de maestros consagrados como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach. No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH – Schostakovich Ensemble e apresenta-se regularmente em Portugal e por toda a Europa com músicos de renome internacional, como Mihaela Martin, Frans Helmerson, Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu, Carolin Widmann, Christian Poltéra e o seu irmão, Filipe Pinto-Ribeiro. Tiago Pinto-Ribeiro é, desde 2003, contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e é Professor de Contrabaixo e de Música de Câmara na Universidade de Aveiro.



@RITA CARMO

ROSA MARIA BARRANTES

A pianista Rosa Maria Barrantes iniciou os estudos musicais aos seis anos na sua cidade natal, Lima, no Peru. Mais tarde, prosseguiu a sua formação na Universidade Católica de Santiago do Chile, onde concluiu o curso superior sob a orientação da Professora Maria Iris Radrigán. Posteriormente, ingressou no prestigiado Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, na classe da Professora Natalia Troull, onde viria a doutorar-se com as mais elevadas classificações. É dessa altura, em Moscovo, que data o início do seu duo pianístico com Filipe Pinto-Ribeiro, que tem vindo a apresentar-se, ao longo das duas últimas décadas, em diversos países europeus, nos Estados Unidos e na América Latina. O duo gravou um álbum com obras de Debussy, Fauré, Ravel, Satie e Poulenc, o qual recebeu excelentes críticas da imprensa especializada.

No âmbito da música de câmara, Rosa Maria Barrantes foi membro do Trio Americano e colabora frequentemente com o DSCH – Schostakovich Ensemble. Tem-se apresentado com alguns dos mais destacados músicos do panorama internacional, como Anna Samuil, Corey Cerovsek, Adrian Brendel, Pascal Moraguès, Marcelo Nisinman, Héctor del Curto, Chen Halevi, Jack Liebeck e Gary Hoffman, entre muitos outros. Foi Professora de Piano e de Música de Câmara na licenciatura em Música do Instituto Piaget, na Escola Profissional Metropolitana e no Conservatório Metropolitano de Lisboa. Actualmente, Rosa Maria Barrantes concilia a sua carreira de pianista com funções de coordenação em diversos festivais, como o Festival & Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa e se afirma hoje como um dos mais importantes festivais e academias do mundo.

Aperture

JOÃO BARRADAS TRIO

JOÃO BARRADAS Acordeão

BRUNO PEDROSO Bateria

ANDRÉ ROSINHA Contrabaixo

@ALFREDO MATOS



JOÃO BARRADAS

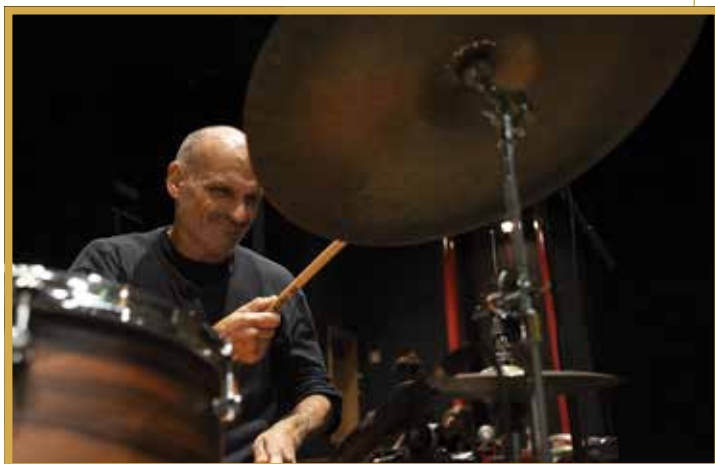
João Barradas destaca-se como um dos músicos mais criativos no panorama do acordeão europeu, movendo-se, simultaneamente, entre a tradição clássica e a música improvisada. Venceu alguns dos mais prestigiados concursos internacionais, incluindo o Troféu Mundial de Acordeão (duas vezes), a Coupe Mondiale, o Concurso Internacional de Castelfidardo e o Concurso Internacional Okud Istra (Croácia). Figura de topo do acordeão contemporâneo, estreou dezenas de peças escritas para ele ao longo dos anos. Além disso, realiza também trabalho de pesquisa, transcrição e composição de música original para o seu instrumento.

É o responsável pelos primeiros recitais de acordeão em programações tão distintas como as da Wiener Konzerthaus, da Fundação Calouste Gulbenkian ou do Festival d'Aix-en-Provence, e apresenta-se como solista com a Orquestra Filarmónica de

Londres, a Orquestra da Tonhalle de Zurique, a Sinfónica de Hamburgo e a Orquestra de Câmara de Colónia, sob a direcção de prestigiados maestros como Edward Gardner, Alondra de la Parra, Sylvain Cambreling e Christoph Poppen. No âmbito do jazz, tem alargado a influência do seu instrumento, colaborando com alguns dos mais importantes improvisadores contemporâneos, tais como Mark Turner, Peter Evans, Aka Moon, Greg Osby, Mike Stern, Rufus Reid, David Binney, Gil Goldstein, Perico Sambeat, Christian Lillinger, Tineke Postma, Ben Van Gelder, e formações como a Brussels Jazz Orchestra. O seu primeiro álbum para a Inner Circle, intitulado Directions, foi nomeado para “Melhor Álbum do Ano” pela revista Downbeat. Foi nomeado ECHO Rising Star pela European Concert Hall Organization em 2019. Em 2024, João Barradas foi Artista em Residência na Casa da Música, no Porto, e foi distinguido com o Sir Jeffrey Tate Award, na Alemanha.

BRUNO PEDROSO

Bruno Pedroso nasceu em 1969. Iniciou os estudos de música em 1987 e, em 1990, estudou com o baterista de jazz Allan Dawson, reconhecido pedagogo e professor durante dezoito anos na Berklee College of Music, em Boston, E.U.A. Estudou igualmente com lendas vivas do jazz, como Clark Terry, Sir Roland Hanna, Rufus Reid e Bill Pierce. Aprofundou os seus conhecimentos com o baterista norte-americano Kenny Washington, uma autoridade no jazz mainstream. Em 1992, acompanhou vários grupos em digressão. A partir de 1995, dedicou-se quase exclusivamente ao jazz, passando a integrar o corpo docente da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Participou no Colectivo Português de Percussão. Em 1997, estudou com Antonio Sanchez e Billy Hart. No ano seguinte, mudou-se para Nova Iorque, onde frequentou a escola Drummers Collective, tendo também tido aulas particulares com alguns dos mais importantes bateristas da cena jazzística mundial, como Jordi Rossi, Jim Chapin, Carl Allen, Leon Parker, Ralph Peterson Jr., Adam Nussbaum, Steve Berrios,



Kim Plainfield e Bobby Sanabria. Nos últimos dez anos, para além de continuar a sua carreira docente em várias escolas, mantém uma intensa actividade como freelancer, tocando com os mais diversos nomes do jazz português. É também regularmente convidado a integrar grupos com prestigiados músicos estrangeiros, entre os quais se destacam: Julian Argüelles, Chris Cheek, Ken Filiano, Peter Bernstein, Rich Perry, Miguel Zenón, Abe Rábade, Nicholas Payton, Reginald Veal, Aaron Goldberg, Phil Markowitz, Ricky Ford, Chris Kase, Eli Degibri, Avishai Cohen, Antonio Faraó, Peter Epstein, Bob Sands, François Théberge, Rick Margitza, John Ellis, Dave O'Higgins, Richard Galliano, Gregory Tardy, Perico Sambeat, Jesús Santandreu, Ivan Paduart, Herb Geller, Sheila Jordan, Jesse Davis, Donald Harrison e Ben Monder, entre muitos outros. Apresenta-se anualmente nos principais festivais de jazz em Portugal e no estrangeiro.



ANDRÉ ROSINHA

Natural de Sintra, André Rosinha iniciou os estudos de contrabaixo aos 20 anos, simultaneamente no Conservatório Nacional e na Escola Jazz do Hot Clube de Portugal, sendo ainda acompanhado em aulas privadas com Demian Cabaud. Em 2010, participa no Lisbon Jazz Summer School, como bolseiro da Escola Jazz Luíz Villas-Boas, onde teve a oportunidade de aprender com nomes maiores da cena jazzística norte-americana, como são os casos de Danilo Perez, Ben Street, Adam Cruz, Rogerio Boccato e Rudresh Mahanthappa. Assistiu ainda a seminários e masterclasses com Dave Holland, Matt Penman, Aaron Goldberg, Reuben Rogers, Greg Hutchinson, Chris Cheek, Jorge Rossy, Matt Renzi, Jon Irabagon, Paulinho Braga ou Matt Pavolka. Em 2011, foi convidado para fazer parte do corpo docente da na Escola Jazz do Hot Clube de Portugal, onde é professor desde então. Licenciou-se em Contrabaixo Jazz

pela Escola Superior de Música de Lisboa em 2014. “Pórtico” dá nome ao seu primeiro disco como líder de uma banda, onde toca originais seus com os músicos João Barradas, Albert Cirera, Eduardo Cardinho e Bruno Pedroso. O álbum foi apresentado em locais como a Casa da Música do Porto ou no Círculo de Jazz de Setúbal. O seu segundo disco em nome próprio, “Árvore”, conta com a participação do pianista João Paulo Esteves da Silva e do baterista Marcos Cavaleiro. O projecto foi apresentado no Centro Cultural de Belém, Jazz 2020, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Seixal Jazz e Noites Azuladas de Castelo Branco. O álbum “Triskel” foi lançado em Maio de 2022. Paralelamente ao seu projecto, faz parte da banda do cantor Salvador Sobral desde 2015, com quem já gravou cinco discos, e é também membro dos grupos do pianista Júlio Resende, João Barradas Trio, Eduardo Cardinho Quinteto, Samuel Lercher Trio ou Ricardo Pinto Quinteto. Já actuou em múltiplos festivais internacionais de jazz nomeadamente no Jazzaldia, Festival Noches del Botánico, Cadiz Jazz Festival, Festival Au Fil des Voix, Reset Jazz Festival, Jazzfestival Münster e Jazzahead, Sopot Jazz Festival, Jazzkar e Kaunas Jazz. Em Portugal, é presença habitual nos festivais de jazz, com destaque para o Funchal Jazz e o Seixal Jazz. André Rosinha já partilhou palco com músicos como Perico Sambeat, Greg Osby, Alexi Tuomarila, Seamus Blake, Marc Miralta, Theo Ceccaldi, Abe Rábade, Jeffery Davis, Xavi Torres, Ben Van Gelder, Roberto Negro, e com os portugueses Mário Laginha, João Moreira, Afonso Pais e André Fernandes.

Promenade dos Capuchos

100 CAMINHOS

JOÃO MOREIRA Trompete

CAROLINA ALVES Trompete

LUÍS VIEIRA Trompa

HUGO ASSUNÇÃO Trombone

JOAQUIM ROCHA Trombone

PROGRAMA

Tomaso Albinoni (1671–1751)	St. Marc Sonata 1. Grave 2. Allegro 3. Andante 4. Vivace
Rose Roberts (2003–)	At the Edge of the World
George Dousis (1975–)	Persephone's Dream
Anthony DiLorenzo (1967–)	Siren Song
Telmo Marques (1963–)	Golden Rock Spell

NOTAS AO PROGRAMA

A palavra *promenade* (do francês se *promener*) significa passear. Quando aplicada ao contexto musical, remete para a prática de concertos (informais) em que o público pode deslocar-se e fazer um passeio enquanto escuta música, cuja tradição remonta ao século XVIII (e se prolongou pelo século XIX), designadamente aos concertos que tinham lugar nos

jardins «de recreio» de Londres, como os de Vauxhall ou Marylebone, por exemplo. Neste sentido, o presente concerto apresenta-se como uma *promenade* pelos Capuchos, pontuada por três momentos musicais em locais distintos do convento – nos Claustros, na fachada da Capela e no Pasmatório – protagonizados por um quinteto de metais (cuja sonoridade

se revela perfeitamente adequada às circunstâncias).

O primeiro momento do concerto – nos Claustros – será preenchido com peças de Tomaso Albinoni (1671–1750/51) e de Rose Roberts (n. 2003). Enquadrado na tradição violinística italiana de Corelli, Vivaldi e P. A. Locatelli, grande parte da obra de Albinoni permanece desconhecida. *St. Marc Sonata* consiste na décima primeira sonata das doze que integram a colecção *Trattenimenti Armonici per Camera*, Opus 6 (publicada por volta de 1712, em Amesterdão), compostas para violino e contínuo (*violone* e cravo). Muito popular na época em que foi escrita (terá sido apresentada pelo próprio Albinoni, ao violino, em 1710), a peça será interpretada num arranjo para quinteto de metais, onde a fluidez e o brilho das passagens originalmente atribuídas ao violino são transportados para a linha do trompete. Escrita em quatro andamentos, a obra segue o esquema habitual da sonata da *chiesa* (caracterizada pela alternância de andamentos segundo a sequência lento-rápido-lento-rápido). De Rose Roberts será interpretada a peça *At the Edge of the World* (de 2024), resultado de uma encomenda do agrupamento 100 Caminhos. Actualmente a residir em Lisboa, a jovem compositora americana estuda composição na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Jaime Reis e Carlos Cairés.

O concerto prossegue na fachada da Capela, onde haverá oportunidade para ouvir *Persephone's Dream*, do compositor grego George Dousis. Escrita em 2023, a obra resultou igualmente de uma encomenda do quinteto de metais que a interpreta. Nascido em Atenas, em 1975, Dousis

estudou composição com o compositor grego Theodore Antoniou, tendo alargado a sua formação em seminários orientados pelos relevantes Brian Ferneyhough, Salvatore Sciarrino e o recentemente desaparecido Wolfgang Rihm, entre outros. O seu catálogo abarca diversos géneros musicais, do repertório sinfónico à música de câmara, passando também pela ópera. Enquanto pianista, Dousis tem desenvolvido actividade no campo do jazz.

A terceira e última paragem da *promenade* – no Pasmatório – inicia-se com a apresentação de uma peça do trompetista americano Anthony DiLorenzo (n. 1967), cuja carreira enquanto compositor conquistou uma posição de relevo (a partir dos anos de 1990) devido, sobretudo, à sua produção musical para metais. Paralelamente, DiLorenzo tem desenvolvido uma intensa (e premiada) actividade enquanto compositor de música para cinema e televisão. A obra *Siren Song*, de 2012, foi escrita para o Center City Brass Quintet. O concerto encerra com a peça *Golden Rock Spell*, encomenda dos 100 Caminhos ao pianista e compositor português Telmo Marques (n. 1963), que também tem colaborado em diversos projectos que envolvem a produção de música para cinema e teatro. A sua obra – que abarca diversos géneros musicais – tem sido apresentada com regularidade em Portugal e no estrangeiro. Telmo Marques conta igualmente com um importante percurso académico e pedagógico na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, do Instituto Politécnico do Porto, onde lecciona desde 2003.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga



© BRUNO SIMÃO

100 CAMINHOS

100 Caminhos surge de uma partilha de experiências reunidas no espaço e no tempo, reflectindo vivências da Europa Central e de Leste e referências conceptuais fortemente marcadas pelo legado norte-americano da música para metais. Numa mescla de gerações com perspectivas e objectivos arrojados perante os actuais desafios colocados à composição musical de sustentação erudita, este projecto ambicioso fundamenta o seu conceito no indiscutível potencial ecléctico da música de câmara para quinteto de metais, promovendo cruzamentos

transdisciplinares em articulação com todas as outras áreas artísticas. Não obstante o foco e objectivos bem delineados, este ensemble não renega, naturalmente, o extenso espólio que nos tem apresentado com obras de grandes compositores, de Witold Lutoslawski a Leonard Bernstein. A versatilidade, tão característica desta formação e profusamente sustentada por uma longa lista de convincentes arranjos e adaptações, é também um recurso assumido na partilha de estilos musicais que continuam a motivar e inspirar intérpretes e plateias, simultaneamente estimulando compositores e artistas associados a este projecto. Assim iniciamos uma viagem com muitas alternativas, com a ambição de proporcionar trilhos enriquecedores para o legado da música de câmara e dos compositores e artistas que connosco embarcam nesta aventura.



© BRUNO SIMÃO

JOÃO MOREIRA

João Moreira é trompetista da Orquestra Metropolitana de Lisboa desde 2019. Entre 2012 e 2017, foi Trompete Solo da MusicAeterna, em Perm (Rússia), sob a direcção do maestro Teodor Currentzis, com a qual se apresentou nas mais prestigiadas salas de concerto mundiais.

Em 2017, regressou a Portugal e venceu o concurso para a posição de Trompete Solo na Orquestra Clássica do Sul.

Foi premiado em diversos concursos, tanto em Portugal como nos Estados Unidos da América – nomeadamente pela International Trumpet Guild (ITG) – e tem-se

apresentado como solista com várias orquestras, entre as quais se destacam: MusicAeterna Orchestra (Perm, Rússia), Symphony Academic Orchestra of Rostov (Rostov-on-Don, Rússia), Orquestra Clássica do Sul, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Académica Metropolitana, Krasnoyarsk Chamber Orchestra (Rússia) e Orquestra Metropolitana de Lisboa.

É Mestre em Performance pela Hochschule für Musik und Theater, em Hamburgo (Alemanha), onde estudou com o conceituado professor Matthias Höfs.

CAROLINA ALVES

Carolina Alves colabora com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras desde 2017. Ao longo do seu percurso, tocou e gravou com diversos grupos e orquestras, entre os quais se destacam: Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Clássica do Sul, Al Bustan Festival Orchestra, Orquestra d'Artes de Almada e OpuSpiritum Ensemble. Durante a sua formação académica, foi seleccionada para integrar prestigiadas orquestras juvenis, como a Orchestre des Jeunes de la Méditerranée, Young Franco-German-Hungarian Philharmonics, Orquestra de Câmara Portuguesa Zero e European Union Youth Orchestra, sob a direcção de maestros como Sir Simon Rattle, Vasily Petrenko, Bernard Haitink, Hannu Lintu e David Alan Miller. Apresentou-se



© BRUNO SIMÃO

em grandes salas de concerto, como o Het Concertgebouw (Amesterdão), Konzerthaus (Berlim), Radio Hall (Bratislava) e a Sala de Concertos da Filarmónica de Varsóvia.

Apresenta-se regularmente como solista, tendo actuado com a Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Ensemble de Metais de Leiria e OpuSpiritum Ensemble. É Mestre em Ensino pela Escola Superior de Música de Lisboa e Mestre em Performance pela Hochschule für Musik und Theater de Leipzig (Alemanha), onde estudou com o conceituado professor Guido Segers.

© BRUNO SIMÃO



LUÍS VIEIRA

Luís Vieira é Trompa Solista da Orquestra Sinfónica Portuguesa, desde 2015. Ao longo da sua carreira, foi convidado a integrar prestigiadas orquestras como a Berliner Philharmoniker, Orchestre de la Suisse Romande, Orchestra della Svizzera Italiana, Orquestra Nacional de España, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Ensemble Divino Sospiro, sob a direcção de maestros como Sir Simon Rattle, Semyon Bychkov, Valery Gergiev, Herbert Blomstedt, Christian Thielemann, Gustavo Dudamel, Riccardo Chailly e Andris Nelsons. Com estas orquestras, teve a oportunidade de tocar em algumas das mais prestigiadas salas de concerto do mundo, tais como a Berliner

Philharmonie, Philharmonie de Paris, Concertgebouw (Amesterdão), Royal Albert Hall (Londres), Tonhalle (Zurique), entre outras. Durante a sua formação académica, integrou orquestras como a The World Orchestra, Lucerne Festival Academy, Schleswig-Holstein Youth Orchestra e a Orquestra Joven Sinfónica de Galicia. Concluiu a Licenciatura em 2009, na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, na classe do professor Paulo Guerreiro, prosseguindo os seus estudos com Abel Pereira, Eric Terwilliger e Sarah Willis. Entre 2011 e 2013, frequentou a Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, onde estudou com Radovan Vlatković e recebeu, das mãos da Rainha Sofia de Espanha, o prémio de Melhor Aluno da Cátedra de Trompa. Em 2015, concluiu o Mestrado em Performance na Zürcher Hochschule der Künste, na Suíça, sob a orientação do mesmo professor. Em 2011, foi vencedor do Prémio Jovens Músicos e, em 2013, finalista do Città di Porcia International Music Competition. Actualmente, é Professor de Trompa na Escola Superior de Música de Lisboa e na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco.

HUGO ASSUNÇÃO

Hugo Assunção é Professor de Música de Câmara na Escola Superior de Música de Lisboa, desde 2012, e tem leccionado masterclasses de Trombone e Música de Câmara um pouco por todo o país e no estrangeiro.

Tocou e gravou com diversos grupos e orquestras, tais como: Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra da Madeira, Orquestra do Algarve, Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra Sinfonia Varsóvia, Orquestra do Hot Clube de Portugal, Orquestra de Jazz de Matosinhos e Crossfade Ensemble, de Daniel Bernardes.

Partilha a Direcção Artística do Festival Gravíssimo! com o artista Yamaha Sérgio Carolino, e tem colaborado, tocado e gravado com artistas como James Thompson, David Taylor, Marshall Gilkes, Gyorgy Gyivicsán, David Bruchez, Gabriel Antão, Ricardo Pereira, João Martinho, Ruben Tomé, Francisco Couto, Jacques Mauger, Bart van Lier, Justin Clark, Robin Eubanks, Luis Bonilla, Eijiro Nakagawa, Christian Jones, Demondrae Thurman,

Matthew Murchison, Thomas Rüedi, Anthony Caillet, Hélène Escrive, Tormod Flaten, Fernando Deddos, Luka Einfalt, Gene Pokorny, Bob Stewart, Floyd Cooley, Henrique Costa, Anne Jelle Visser, Oren Marshall, Ricardo Carvalhoso, François Thuillier, Mike Forbes, Roland Szentpáli, Daniel Perantoni, Nimrod Ron e Shimpei Tsugita. Em 2006, gravou “Vox Gabrieli”, com música para trombone e piano, e “A Different Era”, como Director Musical do Ensemble Português de Trombones. Encomendou, estreou e gravou obras de Anne Victorino d’Almeida, Telmo Marques, Daniel Bernardes e António Victorino d’Almeida. Ganhou o lugar de Primeiro Trombone da Orquestra Sinfónica Portuguesa em 1993.



© BRUNO SIMÃO

JOAQUIM ROCHA

Joaquim Rocha é Trombone Baixo da Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 2017. Tem sido convidado a colaborar com diversos agrupamentos e orquestras, entre os quais se destacam a Orquestra Sinfónica da Galiza, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra de Guimarães. É licenciado pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (Porto), onde estudou com o Professor Severo Martinez, tendo concluído o curso em 2017 com a mais alta classificação. Foi distinguido com vários prémios ao longo do seu percurso,



© BRUNO SIMÃO

destacando-se o First Prize Winner – George Roberts Category na International Trombone Festival Competition, realizada na prestigiada Juilliard School, em Nova Iorque. Em 2016, venceu o Primeiro Prémio no 1.º Concurso Internacional de Trombone de Castelo de Paiva e, em 2019, conquistou o Primeiro Prémio no Prémio Jovens Músicos, que lhe proporcionou a oportunidade de se apresentar como solista com a Orquestra Gulbenkian. Participou em inúmeras masterclasses com artistas de renome internacional, como Stefan Schulz, Ian Bousfield, Andreas Klein, David Bruchez, Jamie Williams, Jon Etterbeek, Petur Eiriksson, Filipe Alves, Gabriel Antão, Bill Thomas e Nathan Zgonc.

RECITAL DE PIANO

Liszt: O Poeta do Piano

FILIPE PINTO-RIBEIRO Piano

PROGRAMA

- Franz Liszt**
(1811-1886)
- Rapsódia Húngara N.º 12**
- Sonetto N.º 123 del Petrarca**
(de *Années de Pèlerinage* – Italie)
- Liebestraum N.º 3**
(Sonho de Amor, sobre poema de Freiligrath)
- Valse Oubliée N.º 1**
- Consolation N.º 3**
(de *Six Pensées Poétiques*)
- Fantasia quasi una Sonata**
“Après une Lecture du Dante”
(de *Années de Pèlerinage* – Italie)

NOTAS AO PROGRAMA

Paralelamente à produção de música instrumental dita *pura* ou *absoluta* (estética formalista), o romantismo oitocentista assistiu ao desenvolvimento de géneros musicais infiltrados por conteúdo extramusical (estética da expressão), cujo programa ou intenção descritiva era considerado um meio revolucionário para ultrapassar as correntes formais que impunham determinada estrutura à obra musical. O compositor tornava-se *músico-poeta* e assim capaz de estender os limites da sua arte. É neste contexto que podemos inserir grande parte da obra de Franz Liszt (1811-1886), uma

das figuras mais fascinantes (por vezes polémica e aparentemente contraditória) do panorama musical do século XIX. Nascido em Raiding, na Hungria, estudou em Viena e rumou a Paris (em 1823), onde viria a tornar-se no mais aclamado pianista do seu tempo, apresentando-se em concertos por toda a Europa (de Inglaterra à Turquia, de Portugal à Rússia). Uma vez em Weimar (a partir de 1848), representou e promoveu os valores da «nova escola alemã». Mais tarde, haveria de fixar-se em Roma (a partir de 1861), empreendendo viagens regulares a Budapeste, Weimar e Bayreuth, onde

acabaria por morrer. Deixou uma obra determinante no rumo da história da música ocidental, antecipando ideias, métodos e procedimentos que encontrariam lugar no século XX. O concerto inicia-se com a exuberante *Rapsódia Húngara n.º 12* (de 1853) – onde Liszt rende homenagem à música da sua pátria – e prossegue com *Sonetto n.º 123 del Petrarca*, peça que integra o segundo dos três álbuns da colecção intitulada *Années de Pèlerinage*, publicados, respectivamente, em 1855, 1858 e 1883. A obra evoca impressões visuais e sonoras, assim como meditações poéticas, filosóficas e existenciais, que remontam aos anos em que Liszt viveu na Suíça (entre 1835 e 1837) e em Itália (entre 1837 e 1839) na companhia de Marie d’Agoult, que o compositor conhecera em Paris, em 1832. Marie era então uma mulher casada, mãe de duas filhas e seis anos mais velha que o pianista. Ainda que assim fosse, Liszt e Marie enfrentaram o expectável escândalo (no círculo da “boa sociedade” parisiense), tornaram-se amantes e pais de três filhos: Blandine (nascida em Genebra, em 1835), Cosima (nascida na cidade italiana de Como, em 1837, viria a casar-se com o maestro Hans von Bülow e, em segundas núpcias, com Richard Wagner, tornando-se directora do célebre Festival de Bayreuth após a morte do compositor alemão) e Daniel (nascido em Roma, em 1839). As sete peças que constituem o segundo álbum (*Italie*) – entre as quais encontramos também *Fantasia quasi una Sonata “Après une Lecture de Dante”* – foram trabalhadas entre 1838 e 1849. Na transposição do poema de Petrarca para a música de Liszt poderá ler-se a intenção do compositor em estabelecer uma analogia entre a sua devoção por Marie d’Agoult e o amor (ainda que platónico) que

unia Petrarca a Laura (a mulher visada nas palavras do mestre italiano). Obra primorosa entre o repertório para piano de Liszt, *Fantasia quasi una Sonata “Après une Lecture de Dante”* comporta traços de um virtuosismo que desafia os limites físicos do intérprete e do próprio instrumento, explorando uma escrita que parece adequar-se às possibilidades de uma orquestra e não apenas de um único instrumento. O espectro dos seus rasgos expressivos oscila entre elementos retóricos referentes ao Inferno e ao Paraíso da *Divina Comédia*, assim como a Beatriz, eterna musa de Dante. O alinhamento fica completo com a apresentação de três peças que remetem para fases posteriores da vida de Liszt. *Liebestraum n.º 3* (resultado da revisão da canção *O lieb, so lang du lieben kannst!*, de 1843) foi publicada em 1850, numa época em que o compositor ocupava o cargo de mestre de capela da corte de Weimar, cidade onde se tinha estabelecido em 1848 com Carolyne Sayn-Wittgenstein (com quem haveria de partilhar a sua vida até ao início dos anos de 1860: nunca chegariam a casar por absoluta negação do papa, que se recusou a anular o casamento anterior de Carolyne; Liszt acabaria por receber as ordens menores do sacerdócio, tornando-se abade em 1865). Igualmente publicada em 1850, *Consolation n.º 3* revela uma escrita em estilo de nocturno, com reminiscências claras de Chopin. *Valse Oubliée n.º 1* foi composta em 1881. Ainda que aluda à posição histórica da valsa de salão (no uso de fórmulas melódicas e rítmicas típicas do género), a partitura é marcada por elementos harmónicos inovadores característicos do estilo tardio de Liszt.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

FILIPE PINTO-RIBEIRO

Filipe Pinto-Ribeiro é amplamente reconhecido como um dos mais destacados artistas portugueses das últimas décadas, tendo alcançado notável projecção internacional enquanto pianista solista, músico de câmara e director artístico.

Natural do Porto, diplomou-se e doutorou-se pelo Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou durante 5 anos sob a orientação da prestigiada pedagoga Lyudmila Roschina. Desde então, tem desenvolvido uma carreira intensa, apresentando-se nas mais reputadas temporadas de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceânia.

Apelidado de “poeta do piano”, distingue-se pela mestria com que percorre um repertório vastíssimo, moldando-se de forma camaleónica a estéticas como o barroco, o romantismo e a música contemporânea - sendo dedicatário de obras de vários compositores portugueses e estrangeiros. A sua discografia a solo - composta por cinco CDs - testemunha a sua versatilidade artística e inclui obras de Bach a Ravel, de Beethoven a Mussorgsky, de Debussy a Prokofiev.

Enquanto solista, apresentou-se com as principais orquestras portuguesas, bem como com formações de referência de vários países europeus e americanos. Apaixonado pela música de câmara, tem colaborado com muitos dos

mais relevantes intérpretes da actualidade.

Um marco decisivo do seu percurso artístico foi a fundação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble, do qual é director artístico. A discografia do ensemble inclui a 1.ª gravação mundial da integral da música de câmara com piano de Schostakovich, bem como os Trios Op. 11 e 38 de Beethoven, álbuns amplamente elogiados pela crítica especializada. Foi também a partir do DSCH que criou, em Lisboa, em 2015, o Verão Clássico, considerado um dos mais relevantes festivais e academias a nível mundial.

A sua criatividade como director artístico e curador tem-no levado a liderar inúmeros projectos nas últimas duas décadas, sendo actualmente director artístico do Bragança ClassicFest e curador do Ciclo Musical-Mente, no Teatro Nacional São João, no Porto. Firme defensor e promotor das novas gerações de músicos, foi Professor de Piano durante uma década em universidades portuguesas, orienta regularmente masterclasses e fundou, em 2022, o Juventus Ensemble, que junta músicos consagrados a jovens talentos emergentes.

Em 2014, foi distinguido com o título oficial de “Steinway Artist” pela prestigiada marca de pianos Steinway & Sons, sendo o único pianista português detentor desta nomeação.

Desde 2021, é director artístico do Festival de Música dos Capuchos.

© RITA CARMO



Cestival^{dos}
apuchos

ALMADA
PORTUGAL
2025

Telemann goes East

ENSEMBLE TRA NOI

SILVIA BERCHTOLD Flauta

DARIA SPIRIDONOVA Violino

BIANCA CUCINI Viola da Gamba

RAFAELA SALGADO Cravo

PROGRAMA

Georg Philipp Telemann (1681–1767)	Suite TWV 42:h2 Soave Allegro Tempo di minuet Vivace Presto Adagio Allegro Allegro
Anónimo	Hungaricus 535 (do Manuscrito Uhrovská)
Georg Philipp Telemann	Polonaise TWV 45:16 Polonaise TWV 45:15 Polonaise TWV 45:3
Anónimo	Hungaricus 25 (do Manuscrito Uhrovská)
Stanisław Sylwester Szarzyński (1692–1713)	Sonata Adagio Allegro Adagio Allegro Adagio Allegro
Georg Philipp Telemann	Polonaise TWV 45:28
Anónimo	N.º C91, C160 e C298 (do Manuscrito Uhrovská)
Georg Philipp Telemann	Sonata TWV 40:111 Dolce Scherzando Largo e misurato Vivace e staccato
	Polonaise TWV 45:17
	Trio Sonata TWV 42:a4 Largo Vivace Affettuoso Allegro

NOTAS AO PROGRAMA

Reconhecido pelos críticos da primeira metade do século XVIII (de forma praticamente unânime) como uma das mais importantes figuras do panorama musical alemão da época, Georg Philipp Telemann (1681–1767) foi, certamente, o compositor mais prolífico do seu tempo. O seu vastíssimo e abrangente catálogo contempla, entre outros géneros musicais, cantatas sacras e profanas, oratórias e paixões, missas, salmos e motetes, óperas, canções e serenatas, obras de carácter pedagógico e centenas de peças instrumentais (para instrumento solo, música de câmara e orquestra). Ao longo do seu percurso, Telemann manteve-se sempre na linha da frente da inovação musical, sendo um elo fundamental na passagem do Barroco tardio para o pré-Classicismo. Por outro lado, por se ter recusado a desenvolver a sua actividade musical apenas no âmbito dos limites impostos pela natureza dos cargos oficiais que ocupou, Telemann ajudou não só a redefinir o papel do músico profissional mas também a enriquecer o gosto musical de audiências cada vez mais alargadas (por meio da organização de concertos públicos ou da publicação daquele que é considerado o primeiro periódico musical alemão, *Der getreue Music-Meister*, através do qual amadores e estudantes de música tinham acesso a partituras adequadas à prática musical de consumo doméstico). O percurso profissional de Telemann começou em Leipzig, cidade onde se estabeleceu – ainda que com o propósito inicial de estudar Direito – em 1701, e onde haveria de permanecer nos quatro anos

seguintes. Em 1705, aceitou o cargo de *Kappelmeister* na corte de Erdmann II, conde de Promnitz, em Sorau (actual Żary, na Polónia). Nesta altura, durante uma estadia da corte na região da Alta Silésia, designadamente na cidade de Pless (actual Pszczyna, na Polónia), Telemann teve oportunidade de contactar com a música tradicional polaca e morávia, que o compositor alemão descreveu (na sua autobiografia de 1740) como detentora de «uma verdadeira beleza bárbara», assumindo o forte impacto e influência que as cores, melodias e ritmos inerentes a tais práticas musicais exerceram nas suas próprias composições.

É neste jogo de influência, abertura e diálogo que o agrupamento Tra Noi construiu o alinhamento do presente concerto, assente, *grosso modo*, na apresentação de um conjunto de obras do cânone erudito ocidental, da autoria de Telemann, intercalado com uma série de peças que remetem para culturas musicais do leste europeu, retiradas dos manuscritos Uhrovská (da década de 1730; conjunto de trezentas e cinquenta melodias tradicionais notadas para violino, com origem em danças populares da Hungria, Polónia e Eslováquia, entre outras proveniências) e Rostock, TWV 45 (descoberto em 1986; colecção de *polonaises* – dança de origem polaca – que o próprio Telemann escreveu ou transcreveu, eventualmente no contexto da visita à região acima descrita).

A *Suite TWV 42:h2* (para flauta, violino e baixo contínuo) consiste na terceira das seis *suites* que integram a colecção

Six Concerts et six Suites, publicada em 1734, em Hamburgo (cidade onde Telemann se tinha estabelecido em 1721 e onde haveria de permanecer até ao final da sua vida). Trata-se de um agregado de oito peças em miniatura (*Soave-Allegro-Tempo di minuet-Vivace-Presto-Adagio-Allegro-Allegro*), de índoles contrastantes e com recurso a referências estilizadas de tipologias de dança. A *Sonata TWV 40:111* (para flauta de bisel e violino) foi publicada em 1728 no já mencionado periódico musical *Der getreue Music-Meister* (em Hamburgo). Composta em quatro andamentos (1. *Dolce*, 2. *Scherzando*, 3. *Largo e misurato*, 4. *Vivace e staccato*), a partitura revela uma escrita acessível, por certo concebida em função do mercado de músicos amadores que Telemann também pretendeu conquistar. A *Trio Sonata TWV 42:a4* pertence ao álbum *Essercizii musici*, um conjunto de vinte e quatro sonatas (doze delas em trio) – publicadas pelo compositor entre 1739 e 1740 mas provavelmente escritas durante a década de 1720 – que denunciam a influência de alguns traços do *estilo galante* francês.

Será ainda interpretada a *Sonata a due violini e basso pro organo*, de Stanislaw Sylwester Szarzyński, compositor polaco sobre o qual pouco se sabe para além do facto de ter estado em actividade entre 1692 e 1713 (provavelmente na cidade de Łowicz). A obra segue o esquema formal da *sonata da chiesa* (com algumas características da *canzona*) e destaca-se pela sua habilidade técnica e atractividade melódica.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga



ENSEMBLE TRA NOI

O Ensemble Tra Noi é um agrupamento constituído por flauta de bisel, violino barroco, viola da gamba e cravo que alia a prática interpretativa historicamente informada a um espírito de experimentação e inovação.

Os seus membros são especialistas em música antiga mas mantêm um profundo envolvimento com a contemporaneidade, criando programas que estabelecem pontes entre séculos através de justaposições criativas, obras actuais e formatos de concerto arrojados.

A abordagem do Ensemble Tra Noi assenta no desejo de fazer com que a música antiga ressoe junto do público de hoje, proporcionando concertos que são, em simultâneo, intelectualmente rigorosos e emocionalmente cativantes. O Ensemble tem conquistado

excelente reconhecimento internacional, sendo laureado em diversos concursos de prestígio. Em 2024, venceu o Primeiro Prémio no prestigiado Concours International de Musique Ancienne du Val de Loire, além de ter recebido o Prémio do Público no Händel Göttingen Competition”.

Já em 2023, foi distinguido com o Wiener Konzerthaus Prize, no âmbito do Concurso H.I.F. Biber, bem como com o Prémio do Público no Concurso Biagio Marini. O Ensemble Tra Noi tem vindo a apresentar-se em alguns dos mais importantes festivais europeus de música antiga, incluindo o Resonanzen na Wiener Konzerthaus, o Innsbrucker Festwochen der Alten Musik, e o FELIX Originalklang, na Kölner Philharmonie, entre outros.

SILVIA BERCHTOLD

A flautista Silvia Berchtold cresceu em Landsberg am Lech, na Alemanha, onde teve o privilégio de receber, desde cedo, uma abordagem criativa e profundamente inspiradora à flauta de bisel. Esta forma de encarar o instrumento e a prática musical permanece, até hoje, um pilar essencial na sua trajetória artística. Para além de conceber programas de concerto inovadores e instigantes, Silvia dedica-se igualmente à criação de teatro musical e à participação em diversos projectos interdisciplinares que cruzam música, movimento e expressão visual. A sua formação académica em flauta de bisel decorreu em instituições de excelência a nível europeu: estudou na Universidade de Artes de Zurique com o Prof. Matthias Weilenmann, no Conservatoire de Lyon com o Prof. Pierre Hamon, e na Universidade de Música de Nuremberga com o Prof. Jeremias Schwarzer.

Como solista e integrada em formações de música de câmara, Silvia tem vindo a afirmar-se tanto no repertório contemporâneo como na música antiga. Apresentou-se em palcos e festivais de prestígio internacional, incluindo a Konzerthaus de Viena, a Filarmónica de Kaunas, o Festival de Música de Potsdam Sanssouci, o Festival musica aperta de Winterthur, o Festival de Música Antiga de Zurique, o Early Music Festival de Londres e o festival Mars en Baroque, em Marselha, entre outros.

Em 2024, Silvia e o seu Ensemble Tra Noi alcançaram notável reconhecimento ao vencerem o 1.º Prémio do Concurso CIMA, o Prémio do Público no Händel Competition de Göttingen, bem como o Prémio do Konzerthaus de Viena no concurso internacional H.I.F. Biber. Em



2023, o ensemble conquistou também o Prémio do Público no Concurso Biagio Marini. Já em 2022, Silvia foi finalista do Concurso Internacional Johann Heinrich Schmelzer, realizado na Abadia de Melk. O seu talento foi amplamente reconhecido, em 2017, com a atribuição do 1.º Prémio no prestigiado Concurso Internacional de Flauta de Bisel MOECK/SRP, em Londres. Nos anos de 2015 e 2014, obteve o 2.º Prémio no Concurso Internacional de Flauta de Bisel Solo de Nordhorn. Na busca constante por uma compreensão mais profunda da arte e do pensamento, Silvia encontra-se actualmente a estudar Filosofia na Universidade de Zurique, procurando alargar os horizontes da sua prática musical através do diálogo com outras formas de conhecimento.



DARIA SPIRIDONOVA

A violinista Daria Spiridonova nasceu e iniciou a sua formação musical em Kazan, na Rússia. Prosseguiu os estudos superiores no prestigiado Conservatório de Moscovo, tendo posteriormente aprofundado os seus conhecimentos na Hochschule für Musik und Darstellende Kunst Frankfurt, na Alemanha, e no Conservatório Bruno Maderna, em Cesena, Itália, onde teve a oportunidade de estudar com o conceituado violinista e pedagogo Luca Giardini. Em 2019, Daria obteve reconhecimento internacional ao conquistar um dos principais prémios do Internationaler H.I.F.

Biber Competition, na Áustria, concurso de referência dedicado à interpretação historicamente informada do repertório barroco. Este feito marcou o início de uma ascendente carreira internacional. Em 2020, realizou uma digressão a solo pelos Países Baixos, com um total de oito concertos promovidos pela Organisatie Oude Muziek Utrecht. Dois anos depois, foi novamente convidada por esta instituição para integrar o programa principal do reputado Festival de Música Antiga de Utrecht, onde apresentou um concerto a solo. A sua qualidade interpretativa foi ainda distinguida com o primeiro lugar no Concurso de Violino Barroco José Herrando, em Espanha (2020), e com o Prémio Rotary, atribuído em Itália, em 2021. Actualmente, Daria é regularmente convidada para tocar como concertino em algumas das mais prestigiadas orquestras de música antiga da Europa. Daria toca num violino histórico construído por Willem van der Sijde em 1690, gentilmente cedido pela Jumpstart Foundation.

BIANCA CUCINI

Nascida em Florença, Bianca Cucini iniciou os seus estudos musicais aos quatro anos em piano e, aos sete, em viola da gamba na Scuola di Musica di Fiesole, onde foi aluna de Bettina Hoffmann até 2019. Desde 2020, estuda na Schola Cantorum Basiliensis, em Basileia, com Paolo Pandolfo, onde se encontra a concluir o Mestrado em Performance Musical. Actualmente, apresenta-se sobretudo na Suíça - em festivais como o Erasmus Klingt Festival e Les Riches Heures de Valère Sion Festival - e na Alemanha - nomeadamente no Internationale Händel Festspiele Göttingen, Musikfestspiele Potsdam Sanssouci e Fel!x Festival da Kölner Philharmonie. As suas colaborações estendem-se ainda a Itália, Espanha (Festival Contratempo de San Cugat - Barcelona), França, Bélgica



(Brussels Early Music Festival FestiVita!), República Checa, Áustria (Innsbrucker Festwochen) e Lituânia. Integrando diversos ensembles, venceu o Concurso Sanssouci, em Potsdam, em 2023, o Publikumspreis no Händel Competition, em Göttingen, em 2024, e o Primeiro Prémio no Concurso Biagio Marini, em Neuburg, no mesmo ano. Colabora regularmente com reputados agrupamentos barrocos como Gli Incogniti, Voces Suaves, Teatro dei Cervelli e Concerto Scirocco. Entre as suas colaborações mais recentes, destacam-se três concertos na Suíça com Gli Incogniti e Amandine Beyer.



RAFAELA SALGADO

A cravista Rafaela Salgado colabora regularmente com diversos agrupamentos e orquestras, entre os quais se destacam a Orquestra Barroca Casa da Música, o Collegium Marianum (Praga), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra de Câmara Portuguesa, sob a direcção de maestros como Laurence Cummings, Christian Zacharias, Nils Schweckendiek, entre outros. A sua actividade concertística tem-na levado a actuar em vários festivais europeus de música antiga, como o Resonanzen Festival no Wiener Konzerthaus, o MA Festival Brugge, o Bachfest Leipzig e o Innsbrucker

Festwochen der Alten Musik. Em 2024, foi vencedora do Prémio Jovens Músicos na categoria de Música Barroca, tendo já sido distinguida em 2018 com o Primeiro Prémio na categoria de Cravo (nível superior). Foi premiada em diversos concursos internacionais, nomeadamente no Concurso Van Wassenaer, do prestigiado Festival de Música Antiga de Utrecht, onde recebeu o Segundo e o Terceiro Prémios, assim como o Prémio da Digressão do Festival. Outras distinções incluem o Prémio do Público no Göttingen Händel Competition em 2024, o “Sonderpreis Wiener Konzerthaus” no Internationaler H.I.F. Biber Competition em 2023, e ainda o Prémio do Público no XXIV Biagio-Marini Wettbewerb, também em 2023. Rafaela Salgado iniciou os seus estudos de cravo aos oito anos de idade, em Braga. Licenciou-se no Departamento de Música Antiga do Real Conservatório de Haia, onde estudou com Jacques Ogg (cravo) e Patrick Ayrton (baixo contínuo e improvisação). Em 2020, mudou-se para Basileia, onde prosseguiu os seus estudos na Schola Cantorum Basiliensis, completando o Mestrado em Interpretação sob a orientação de Andrea Marcon. Em 2024, concluiu o Mestrado em “Generalbass und Ensembleleitung”, na classe de Jörg-Andreas Bötticher.

HOMENAGEM A PIERRE BOULEZ

Boulez 100

JÉRÔME COMTE Clarinete

PROGRAMA

Franco Donatoni (1927–2000)	Clair <i>Duas Peças para Clarinete</i>
Pierre Boulez (1925–2016)	Domaines “Originaux”
Gérard Grisey (1946–1998)	Charme
Luciano Berio (1925–2003)	Sequenza IXa
Pierre Boulez	Domaines “Mirroirs”
Igor Stravinsky (1882–1971)	Três Peças para Clarinete

NOTAS AO PROGRAMA

Pierre Boulez (1925–2016) foi uma das mais importantes referências do panorama musical europeu pós-Segunda Guerra Mundial. Convicto da necessidade histórica da atonalidade e encarando a composição de uma perspectiva essencialmente lógica em vez de expressiva, Boulez adoptou uma concepção rigorosa da música enquanto estrutura conscientemente organizada de relações internas. Assinalando o centenário do nascimento do compositor (e maestro) francês, Jérôme Comte apresenta – a par de outras peças incontornáveis do repertório para clarinete do século XX –

a obra *Domaines*, composta por Boulez entre 1961 e 1968 e estreada pelo clarinetista Hans Deinzer no dia 20 de Setembro de 1968 em Ulm (na Alemanha).

A propósito da interpretação de *Domaines*, Boulez referiu-se ao conceito de «acaso controlado». De facto, o solista dispõe de um número limitado de escolhas inseridas numa estrutura bem definida. A peça é constituída por doze cadernos, seis *Originais* e seis *Espelhos*. Cada um destes dois grupos de seis cadernos encontra-se nomeado de A a F, sendo que cada *espejo* é construído

a partir do seu homónimo *original*. O intérprete pode escolher a sequência de cadernos dentro de cada grupo, *Originais* e *Espelhos*, sendo que as escolhas feitas no domínio dos *Originais* não têm implicações no domínio dos *Espelhos* (a única regra é a de que a transição entre *Originais* e *Espelhos* seja feita através dos dois Cadernos C). Por sua vez, cada caderno é também constituído por seis secções, havendo duas sequências possíveis de serem escolhidas para a sua interpretação (o solista pode escolher uma das duas sequências dentro de cada caderno, devendo optar no *espejo* por aquela que não escolheu no *original*). A título de curiosidade, refira-se que tendo em conta apenas a possibilidade de escolha da sequência de cadernos (excluindo, portanto, as escolhas relativas à sequência interna de cada caderno), existem 720 permutações possíveis para cada um dos dois domínios, *Originais* e *Espelhos*, ou seja, 518400 (720x720) possibilidades diferentes de interpretação da obra na sua totalidade.

De Franco Donatoni (1927–2000) será interpretada a peça *Clair – Due pezzi per clarinetto*. Escrita em 1980, a partitura revela o enorme prazer do compositor italiano em escrever e servir o talento e o virtuosismo de músicos solistas, explorando, neste caso, a gama alargada de possibilidades técnicas e expressivas do clarinete. Gérard Grisey (1946–1998) foi uma das mais distintas e influentes vozes a surgir em França depois de Boulez. A peça *Charme*, de 1969, foi escrita quando o compositor contava vinte e três anos de idade e espelha as suas primeiras experiências no domínio da exploração do timbre, destacando-se pelo recurso ao vasto espectro de “técnicas expandidas” do clarinete. Por outro lado, e tal como em *Domaines*, de Boulez, a partitura de

Grisey exige, em vários momentos, que seja o intérprete a definir a velocidade e a duração das notas. *Sequenza IXa* consiste na nona das catorze *Sequenzas*, uma importante série de peças virtuosísticas para instrumentos solo concebida por Luciano Berio (1925–2003) ao longo de praticamente quatro décadas (entre 1958 e 1996). A obra foi escrita em 1980, numa estreita colaboração com o clarinetista Michel Arrignon, que a estreou no dia 26 de Abril do mesmo ano, no Théâtre d’Orsay, em Paris. Nas palavras do compositor italiano, a peça traduz-se numa longa melodia – que apresenta «redundância, simetrias, transformações, repetições» – construída a partir de um jogo entre dois campos de alturas diferentes: um de sete notas (quase sempre no mesmo registo) e outro de cinco (caracterizado por uma grande mobilidade).

As *Três Peças* de Igor Stravinsky (1882–1971) foram compostas em 1918, numa altura em que o compositor russo se encontrava exilado na Suíça (onde haveria de permanecer até 1920). A obra foi estreada pelo clarinetista Edmont Allegre no dia 8 de Novembro de 1919, em Lausanne, e dedicada a Werner Reinhart (mecenas e clarinetista amador, foi dedicatário de várias obras de outros compositores célebres). Numa época em que escrever para clarinete solo ainda não era prática corrente, a obra apresenta-se como uma das primeiras peças relevantes do género. A partitura revela alguns traços estilísticos característicos na música de Stravinsky (no tratamento do ritmo e na alusão a melodias tradicionais russas), incorporando também, segundo o compositor, a influência de elementos provenientes da linguagem jazz.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

JÉRÔME COMTE

Após brilhantes estudos entre Genebra e Paris, sob a orientação de eminentes professores como Thomas Friedli, Pascal Moraguès e Michel Arrignon, Jérôme Comte obteve reconhecimento internacional em diversos concursos, em Paris, Praga e Munique, tendo sido laureado pela Fundação Meyer, pela Fundação Banque Populaire e pela Académie Charles Cros. Foi, aliás, esta mesma Academia que mais tarde lhe atribuiu o Grand Prix du Disque 2017, pela gravação das Duas Sonatas Op. 120 de Johannes Brahms e das Quatro Peças Op. 5 de Alban Berg, em colaboração com o renomado pianista Denis Pascal.

Iniciou então uma carreira dedicada à música de câmara, que o levou a actuar por todo o mundo, tendo-se apresentado ainda com orquestras de renome internacional, como a London Symphony Orchestra, a Mahler Chamber Orchestra e o Ensemble intercontemporain, do qual se tornou membro aos 25 anos de idade.

No ano seguinte, interpretou Eclipse, para clarinete e ensemble, de Yan Maresz, no Festival de Aix-en-Provence, sob a direcção de Pierre Boulez. Em 2009, voltou a colaborar com o Maestro, desta vez com o Concerto para Clarinete de Elliott Carter, durante uma digressão europeia por algumas

das principais salas de concerto – obra que viria a gravar alguns anos depois com Matthias Pintscher e o Ensemble intercontemporain, para a editora Alpha Classics.

Em 2010, foi-lhe confiada a exigente interpretação de Dialogue de l'ombre double, de Pierre Boulez, no âmbito de uma retrospectiva dedicada ao compositor, no Auditório do Louvre.

Entre os momentos mais marcantes da sua carreira, contam-se a interpretação: do Concerto para Clarinete de Unsuk Chin, sob a direcção de Matthias Pintscher, no New World Center, em Miami, e na Tokyo Opera City Hall; bem como a obra Miracle de la rose, de Hans Werner Henze, na Cité de la Musique, em Paris. Em 2018, Philippe Hurel confiou-lhe a estreia mundial do seu concerto para clarinete Quelques traces dans l'air, interpretado no Stadttheater de Cottbus, na Alemanha.

Jérôme Comte é Professor no Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris (CNSMDP), sendo igualmente convidado com frequência a leccionar masterclasses por todo o mundo – entre os convites mais recentes contam-se Taipé (Taiwan), Tóquio (Japão), Cidade do México (México) e San José (Costa Rica).

© PHILIPPEBERRY



Festival^{dos}
Capuchos

ALMADA
PORTUGAL
2025

TRIBUTO A DANIEL BARENBOIM

Noite Transfigurada

MIHAELA MARTIN Violino

YULIA DEYNEKA Viola

FRANS HELMERSON Violoncelo

SEMAAN WEHBE Violino

SARA UMANSKAYA Viola

PARYA MOULAEI Violoncelo

SOLISTAS DA ACADEMIA BARENBOIM-SAIDE DA WEST-EASTERN DIVAN ORCHESTRA

PROGRAMA

Johannes Brahms
(1833–1897)

Sexteto N.º 1 Opus 18

1. Allegro ma non troppo
2. Andante ma moderato
3. Scherzo. Allegro molto
4. Rondo. Poco Allegretto e grazioso

Arnold Schönberg
(1874–1951)

Noite Transfigurada, Opus 4

NOTAS AO PROGRAMA

Em 1853, num ensaio publicado a 28 de Outubro na revista *Neue Zeitschrift für Musik*, Robert Schumann apresentava Johannes Brahms (1833–1897) – que à data tinha apenas vinte anos de idade – como aquele que haveria de «expressar idealmente a sua época». Poucos compositores terão contado, numa fase tão precoce da carreira, com tamanho e poderoso impulso e apoio crítico. Mas a preferência de Brahms por géneros clássicos (como a música de câmara, a sinfonia e o *Lied*), colocava-o em rota de colisão directa com a tendência da época, marcada pelo ascendente de géneros como o poema

sinfónico e o drama musical, representados, respectivamente, por Franz Liszt e Richard Wagner. A reputação de Brahms haveria de crescer, lenta mas firmemente, ainda que a sua música, sobretudo a partir de 1860, se tivesse tornado, com efeito, na arma de arremesso preferida de importantes círculos musicais no contexto da intensa contenda estética entre vanguarda e tradição, que marcaria o final do século XIX. O seu resgate acabaria por acontecer pelas mãos do filósofo Theodor Adorno, do musicólogo Carl Dahlhaus e, sobretudo, do compositor Arnold Schönberg (1874–1951), que viram no predado

camerístico da música orquestral de Brahms uma das suas maiores virtudes e até mesmo um prenúncio de alguns dos elementos marcantes da linguagem musical do século XX.

Brahms foi, indiscutivelmente, o grande sucessor de Beethoven no domínio da música de câmara, género ao qual se dedicou ao longo de quarenta anos (desde o *Trio com Piano*, Opus 8, de 1854, às derradeiras *Sonatas para Clarinete e Piano*, Opus 120, de 1894), construindo um significativo corpus de vinte e quatro peças, entre as quais encontramos verdadeiras obras-primas do repertório de câmara do romantismo oitocentista. Escrito entre 1859 e 1860, o *Sexteto n.º 1*, Opus 18 encabeça um conjunto de sete obras de câmara (que se estende até ao *Trio para Violino, Trompa e Piano*, Opus 40, de 1865) enquadrado no período por alguns designado como “primeira maturidade” de Brahms, durante o qual o compositor integrou, de forma original, influências de Beethoven e Schubert no seu estilo pessoal. Estreado por um sexteto de cordas liderado pelo célebre violinista Joseph Joachim, no dia 20 de Outubro de 1860, em Hanôver, o seu segundo andamento seria alvo de um arranjo para piano solo (em 1860) – dando origem à peça *Tema e Variações em Ré menor* (estreada em 1865, em Frankfurt, mas apenas publicada em 1927) – dedicado pelo compositor a Clara Schumann.

Nascido em Viena e educado no contexto do romantismo tardio, Arnold Schönberg (1874–1951) alcançou a sua maturidade musical no início do século XX, desenvolvendo uma linguagem musical que levou até às últimas consequências (no entender do compositor, lógicas e necessárias) as implicações do cromatismo do final do século XIX: abandonou por completo as convenções

tonais e harmónicas (foi o primeiro a fazê-lo) e abriu uma nova e importante dimensão no exercício da composição. O seu percurso divide-se, habitualmente, em três fases: o período tonal (até 1908), o período atonal (ou *pantonal*, como Schönberg preferia dizer) de traços expressionistas (até 1920) e o período dodecafónico (que se pode, eventualmente, subdividir numa primeira fase entre 1921 e 1936 – caracterizada pelo recurso consistente ao princípio do serialismo – e a partir de então, numa segunda fase menos bem-definida, marcada por uma grande variedade estilística). Entre as primeiras obras que sobreviveram de Schönberg, encontramos um quarteto de cordas composto em 1897 (apenas publicado em 1966), uma obra sólida escrita sob a influência de Brahms e que revela uma orientação clássica que haveria de persistir (em diferentes graus) ao longo da sua vida. A personalidade de Schönberg emerge de uma forma mais clara no sexteto de cordas que se seguiu, *Verklärte Nacht*, Opus 4 (Noite Transfigurada, de 1899), onde o compositor também assumiu o ascendente de Brahms. Ainda assim, a partitura, escrita numa linguagem profundamente cromática, denuncia a influência de Wagner na sua concepção programática. Composta num único andamento, a obra tem por base o poema (com o mesmo nome) do alemão Richard Dehmel (1863–1920), à época criticado (por alguns) por ser considerado impróprio e imoral (por relatar o episódio em que uma mulher confessa ao homem que ama estar grávida de outro homem, que conhecera antes de si; o amante tranquiliza-a, dizendo que o amor que agora sentem um pelo outro tornará a criança filha de ambos).

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

MIHAELA MARTIN

Mihaela Martin é amplamente considerada uma das mais notáveis violinistas das últimas décadas. Nascida na Roménia, recebeu as primeiras lições de violino do seu pai, aos cinco anos de idade, e estudou posteriormente com Ștefan Gheorghiu, discípulo de George Enescu e David Oistrakh.

A atribuição do Primeiro Prémio no Concurso Internacional de Violino de Indianápolis marcou o início brilhante da sua carreira internacional. Com apenas 19 anos, Mihaela Martin obteve o Segundo Prémio no Concurso Internacional Tchaikovsky, em Moscovo, distinção que foi seguida por outros importantes prémios em Montreal, Sion e Bruxelas.

Mihaela Martin apresenta-se regularmente nos principais palcos internacionais, tanto como solista com orquestra como em formações de música de câmara. Na temporada 2023-24, apresentou-se com a Filarmónica de Bucareste, o Staatsorchester Hamburg, a Berlin Academy for American Music, e participou em Festivais como Verbier, Enescu, Academia de Budapeste, Jerusalém, Kronberg, Santander, Ravinia e Suntory Hall. Tem-se apresentado como solista com prestigiadas orquestras, como a BBC Symphony, Royal Philharmonic, Orquestra Sinfónica de Montreal, Mozarteum Orchestra de Salzburgo e Orquestra Gewandhaus de Leipzig, sob a direção dos maestros Manfred Honeck, Andrew Davis, Andrew Litton, Gábor Takács, Thierry Fischer, Thomas Sanderling, Constantine Orbelian, Nikolaus Harnoncourt, Charles Dutoit, Kurt Masur, Neeme Järvi e Paavo Järvi, entre outros.

A música de câmara ocupa um lugar de grande importância na sua vida. Para além da sua presença regular em numerosos festivais de música de câmara, é membro fundador do Quarteto de Cordas Michelangelo, com o qual



@NEDA NAVAE

se apresentou no Carnegie Hall, Boulez Saal, Wigmore Hall, Library of Congress, Concertgebouw e Théâtre des Champs-Élysées. Desde 2017, é Directora Artística do Festival de Música de Câmara Rolandseck/Bad Honnef e colabora regularmente com músicos como Daniel Barenboim, Sergei Babayan, Lera Auerbach, Kirill Gerstein, Denis Kozhukhin, Sharon Kam, Nobuko Imai e Gábor Takács. Mihaela Martin é Professora de Violino na Universidade de Música de Colónia, na Academia Barenboim-Said de Berlim e na Academia de Kronberg. Orienta masterclasses por todo o mundo e integra regularmente júris de importantes concursos internacionais, como o Rainha Elisabete (Bélgica), Indianápolis (E.U.A.), Concours Musical (Canadá), Enescu (Roménia) e Tchaikovsky (Rússia). Mihaela Martin toca um violino construído por J.B. Guadagnini em 1748.

@ZUZANA SPECIAL



YULIA DEYNEKA

Nascida na Rússia, em 1982, Yulia Deyneka estudou com Alexander Brovsky no Conservatório Tchaikovsky da sua cidade natal, Moscovo. Em 2001, mudou-se para a Alemanha, onde se diplomou pela Universidade de Música e Teatro de Rostock, sob a orientação de Felix Schwartz, tendo posteriormente obtido o Diploma de Solista na Universidade das Artes de Berlim, com Wilfried Strehle. Ainda enquanto estudante, foi-lhe atribuída a posição de Viola Solo na prestigiada Orquestra Staatskapelle de Berlim. Como solista, tocou com maestros de renome como Andris Nelsons, François-Xavier Roth, Zubin Mehta e Daniel Barenboim, apresentando-se em salas de prestígio como o Carnegie Hall, em Nova

Iorque, e as Philharmonie de Berlim e de Paris. A música de câmara ocupa um lugar de destaque na vida de Yulia Deyneka. É presença regular em inúmeros festivais internacionais, entre os quais se contam Rolandseck, Jerusalém, Annecy e Mozart de Salzburgo. Entre os seus parceiros musicais contam-se Guy Braunstein, Daniel Ottensamer, Emmanuel Pahud, Julian Steckel e Jörg Widmann.

Yulia Deyneka é co-fundadora do Quarteto de Cordas da Staatskapelle de Berlim. Na inauguração da Pierre Boulez Saal, o ensemble interpretou a integral dos quartetos de cordas de Schubert, e desde então tem-se apresentado internacionalmente ao lado de grandes nomes como Elisabeth Leonskaja, Frans Helmerson e Christiane Karg. Cada vez mais empenhada na música contemporânea, Yulia Deyneka integra desde a sua fundação o Boulez Ensemble, com o qual estreou obras de inúmeros compositores vivos, entre eles Aribert Reimann, Jörg Widmann, Olga Neuwirth, Johannes Borowski e Matthias Pintscher.

Mantém uma duradoura parceria musical em música de câmara com Daniel Barenboim, com quem também colabora na West-Eastern Divan Orchestra. Desde 2003, lidera a secção de violas desta orquestra, estando activamente envolvida na formação de jovens talentos oriundos do Médio Oriente. Na Staatskapelle de Berlim, exerce ainda o papel de mentora dos jovens violetistas da Academia da orquestra. Desde 2016, lecciona na Academia Barenboim-Said de Berlim, onde iniciou funções como Professora Catedrática em 2019. Yulia Deyneka pode ser ouvida no álbum Soirée (Pentatone), com Magdalena Kožená e Simon Rattle, e no álbum da integral dos quartetos com piano de Mozart (Deutsche Grammophon), ao lado de Michael Barenboim, Kian Soltani e Daniel Barenboim.

FRANS HELMERSON

Um dos músicos mais respeitados da actualidade, o violoncelista sueco Frans Helmerson iniciou os estudos musicais com Guido Vecchi, em Gotemburgo, antes de prosseguir a sua formação com Giuseppe Selmi, em Roma, e William Pleeth, em Londres. Sergiu Celibidache e Mstislav Rostropovich tiveram também um papel fundamental no seu desenvolvimento artístico.

Em 1971, Helmerson venceu o prestigiado Concurso Internacional Cassadó, em Florença – a primeira de muitas distinções ao longo da sua carreira.

Diversas digressões levaram-no a numerosos países da Europa, bem como ao Japão, Rússia, América do Sul, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos da América. Frans Helmerson apresentou-se como solista sob a direcção de muitos dos mais conceituados maestros, incluindo Seiji Ozawa, Colin Davis, Neeme Järvi, Evgeni Svetlanov, Esa-Pekka Salonen, Herbert Blomstedt, Sergiu Comissiona, Frübeck de Burgos, Kurt Sanderling e Mstislav Rostropovich, tendo recebido rasgados elogios da crítica pelos seus concertos e gravações. A sua interpretação do Concerto para Violoncelo de Dvořák, com Neeme Järvi e a Orquestra Sinfónica de Gotemburgo, foi considerada como “a melhor gravação disponível no mercado”. Também a sua gravação do Concerto para Violoncelo n.º 1 de Schostakovich é altamente aclamada. A paixão de Frans Helmerson pela música de câmara constitui outra força motriz essencial na sua trajectória artística. É presença regular nos principais festivais internacionais, como o Festival de Verbier, o Festival Pablo Casals, em Prades, e o Festival de Ravinia, e exerceu durante



@FRANZ HAMM

vários anos o cargo de Director Artístico do Festival Internacional de Música de Câmara de Umeå-Korsholm. Em 2002, fundou o Quarteto de Cordas Michelangelo, com Mihaela Martin, Stephan Picard e Nobuko Imai, ao qual se juntou, em 2012, o violinista Daniel Austrich.

Paralelamente à sua carreira como solista, músico de câmara e maestro, Frans Helmerson foi Professor nos Conservatórios de Colónia e de Madrid e Professor Convidado na Escola Superior de Música Hanns Eisler, em Berlim. Em 2016, assumiu a responsabilidade pela Cátedra de Violoncelo na Academia Barenboim-Said, em Berlim. Desde 2006, Frans Helmerson é Professor Principal de Violoncelo da prestigiada Academia Kronberg, na Alemanha. Toca num violoncelo construído por Stefan-Peter Greiner.



SEMAAN WEHBE

Semaan Wehbe é um violinista libanês actualmente radicado em Berlim. É licenciado em Violino - Performance, pela Academia Barenboim-Said, de Berlim, onde estudou com a Professora Mihaela Martin, e prossegue actualmente o Mestrado em Música na mesma instituição, sob a orientação do Professor Rainer Honeck, concertino da Orquestra Filarmónica de Viena. É membro da West-Eastern Divan Orchestra desde 2022, tendo actuado sob a direcção do Maestro Daniel Barenboim em locais de prestígio como a Philharmonie de Paris, o Festival de Salzburgo e o Teatro Liceu de Barcelona.

A sua experiência orquestral é complementada por concertos a solo em várias salas da Europa e do Médio Oriente. O seu repertório solístico inclui concertos de Sibelius, Mendelssohn e Mozart, bem como obras fundamentais para violino solo de J. S. Bach e Eugène Ysaÿe. Apresentou-se também como solista com a Amman Chamber Orchestra, a Orquestra Filarmónica Libanesa e o NDU Strings Ensemble. No âmbito da música de câmara, Semaan tem participado em numerosos festivais e masterclasses, trabalhando com artistas de renome internacional como Miriam Fried, Gábor Takács-Nagy, Latica Honda-Rosenberg e membros dos quartetos Artemis e Michelangelo. Semaan Wehbe foi laureado em vários concursos, entre os quais se destaca o Primeiro Prémio no Concurso Júnior da Lion's Foundation, e continua a desenvolver uma carreira dinâmica que alia as suas raízes no Médio Oriente a um profundo compromisso com a tradição clássica europeia.

SARA UMANSKAYA

Sara Umanskaya é uma violoncelista israelita, nascida em 2001. Iniciou os seus estudos musicais no Centro Musical de Raanana, com Marina Ziskind. Obteve a Licenciatura na Academia Barenboim-Said, de Berlim, sob a orientação de Yulia Deyneka, e encontra-se actualmente a concluir o Mestrado na Universidade das Artes de Berlim (UdK), na classe de Sascha Frömbling.

Ao longo dos anos, Sara acumulou uma significativa experiência orquestral e em música de câmara. Participou em conceituados festivais orquestrais, como a Pacific Music Festival Orchestra (2024), sob a direcção de Manfred Honeck, a Estonian Festival Orchestra (2022), dirigida por Paavo Järvi, e integrou a digressão de 2023 da Orquestra de Jovens Gustav Mahler, sob a batuta de Jakub Hruša. Com apenas 16 e 17 anos, liderou a secção de violas da Verbier Festival Youth Orchestra, em concertos dirigidos por Alain Altinoglu, James Gaffigan e Stanislav Kochanovsky. Actualmente, encontra-se a completar a sua formação como academista na Orquestra



Sinfónica Alemã de Berlim (Deutsches Symphonie-Orchester Berlin).

A sua experiência em música de câmara foi moldada e enriquecida pelo trabalho com músicos como Sergey Bresler (Jerusalem Quartet), Krzysztof Chorzelski (Belcea Quartet) e o Artis Quartett. Recebeu igualmente orientação, em regime de aulas individuais e de câmara, de grandes nomes como Daniel Barenboim, András Schiff, Kim Kashkashian, Tatjana Masurenko e Roland Glassl. Sara Umanskaya participa regularmente no Itzhak Perlman Music Program, nos Estados Unidos e em Israel, e foi distinguida com a bolsa de excelência da AICF (America-Israel Cultural Foundation) nos anos de 2017, 2019 e 2024.



PARYA MOULAEI

A violoncelista Parya Moulai nasceu em 2002, em Teerão, Irão, e iniciou os seus estudos de violoncelo aos oito anos de idade. Entre 2014 e 2020, frequentou o Conservatório de Música de Teerão, tendo-se posteriormente mudado para Berlim, para prosseguir a sua formação musical sob a orientação do renomado violoncelista e professor Frans Helmerson.

Foi laureada em vários concursos nacionais e internacionais, entre os quais se destacam o Concurso Internacional de Violoncelo de Milão, o Concurso Nacional de Jovens do Irão e o Concurso Nacional Crescendo – distinções

que evidenciam a sua maturidade artística e apurada sensibilidade técnica desde tenra idade.

Parya participou em diversos festivais de música orquestral e de câmara de prestígio. Actuou como Violoncelo Solo e Chefe de Naípe na Orquestra da Academia do Festival Schleswig-Holstein, sob a direcção de Christoph Eschenbach, e integrou a Orquestra da Academia Barenboim-Said, sob a direcção de Daniel Barenboim. Foi igualmente seleccionada para a Academia da Orquestra Sinfónica de Viena, apresentando-se no âmbito do Festival de Bregenz.

No âmbito da música de câmara, Parya Moulai tem colaborado com jovens músicos de todo o mundo em projectos realizados na Alemanha, Áustria e Irão.

Encontra-se actualmente a prosseguir os seus estudos superiores em Berlim, na Academia Barenboim-Said, construindo uma carreira promissora que alia profundidade expressiva, rigor e uma ligação íntima ao seu instrumento.

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

Sinfonia do Novo Mundo

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

PEDRO NEVES Direcção Musical

PROGRAMA

Gioachino Rossini (1792-1868)	Abertura da ópera "Guilherme Tell"
Johannes Brahms (1833-1897)	Danças Húngaras N.º 5 e N.º 6 *
Antonín Dvořák (1841-1904)	Sinfonia N.º 9 Opus 95, "Do Novo Mundo" 1. Adagio - Allegro 2. Largo 3. Molto vivace 4. Allegro con fuoco

* ORQUESTRAÇÃO DE ALBERT PARLOW

NOTAS AO PROGRAMA

Foi com a ópera *Guilherme Tell*, de 1829, que Gioachino Rossini (1792-1868) colocou, voluntariamente, um ponto final na sua bem-sucedida carreira. Tinha apenas trinta e oito anos, e nos cerca de quarenta que ainda teria pela frente, abriu poucas excepções para o exercício da composição: para além de alguma música de câmara, canções e peças para piano, merecem destaque o *Stabat Mater* (de 1832; segunda versão de 1841-42) e a *Petite Messe Solennelle* (de 1863; segunda versão de 1867). Mas foi no género operático que Rossini fundou a sua actividade profissional. Entre 1810 e 1829, o

compositor italiano escreveu trinta e nove óperas (sérias e cómicas), que não só fez estreitar nos principais teatros italianos como também em Paris, cidade onde se estabeleceu em 1824 (até 1836; regressaria, definitivamente, em 1855). Inscrita no género *grand opéra*, *Guilherme Tell* tem quatro actos e libreto da autoria de Étienne de Jouy e Hippolyte Bis (a partir da peça de Friedrich Schiller, de 1804). Na sua abertura (cujo programa subjacente remete para a descrição dos Alpes suíços, onde a narrativa da ópera tem lugar), é possível detectar alguns traços característicos do estilo do

compositor: orquestração escurra, estrutura harmónica simples, clareza do fraseado e vivacidade rítmica. O fascínio do compositor alemão Johannes Brahms (1833-1897) pelas melodias e ritmos das danças populares magiares remonta aos anos da sua juventude, designadamente ao ano de 1853, aquando da digressão de concertos por várias cidades da Alemanha que fez, acompanhando, ao piano, o célebre violinista Ede Reményi (1828-1898), um dos mais acarinhados músicos da segunda metade do século XIX, reconhecido pelo seu virtuosismo (Liszt chamava-lhe o "Paganini húngaro"). A exuberância das sonoridades ciganas dada a conhecer por Reményi, seria reinterpretada e incorporada por Brahms em diversas obras do seu catálogo. É o que acontece em *Danças Húngaras*, um conjunto de vinte e uma peças compostas entre 1858 e 1868 (números 1 a 10) e em 1880 (números 11 a 21). Foram originalmente escritas para piano a quatro mãos (existem também na versão para piano solo – apenas as dez primeiras danças – elaborada pelo compositor em 1872). O sucesso com que foram recebidas terá motivado a composição de uma versão orquestral: em 1873, Brahms orquestrou as danças números 1, 3 e 10 (estreadas no dia 5 de Fevereiro de 1874, em Leipzig, sob a batuta do próprio compositor); outros compositores haveriam de orquestrar as restantes, sob encomenda do editor alemão Fritz Simrock, reconhecido, sobretudo, pela publicação de praticamente toda a obra de Brahms e de Antonín Dvořák (1841-1904).

A par de Bedřich Smetana, Dvořák é considerado um dos mais genuínos representantes do nacionalismo musical checo, tendo a sua obra alcançado projecção e prestígio internacional a partir da década de 1880. Em Outubro de 1892, o compositor assumiu o cargo de director do Conservatório de Música de Nova Iorque e logo iniciou a composição da sua *Sinfonia n.º 9*, Opus 95, "Do Novo Mundo". A partitura ficaria completa em Maio do ano seguinte, tendo a sua estreia acontecido no dia 16 de Dezembro de 1893, no então recentemente inaugurado Carnegie Hall, interpretada pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção do maestro húngaro Anton Seidl. A peça é escrita de acordo com o convencional modelo formal em quatro partes (verificando-se um resumo do principal material temático da obra no último andamento) e evidencia o domínio e a estima do compositor pela linguagem sinfónica da tradição europeia (no início do terceiro andamento da sinfonia, Dvořák recorre mesmo a uma referência inequívoca ao Scherzo da nona sinfonia de Beethoven). Embora não utilize directamente melodias ameríndias ou provenientes do cancionário dos espirituais negros, o compositor assumiu, de facto, uma tentativa de inspiração nesse universo musical, como aliás se comprova na melodia apresentada pelo corne inglês no início do segundo andamento, provavelmente o mais célebre desta sinfonia.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) é a pedra angular de um projecto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público, no Mosteiro dos Jerónimos a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluír as missões artística, pedagógica e cívica por intermédio de uma gestão otimizada de recursos e uma visão ampla e integrada de todas as vertentes do fenómeno musical. Sempre apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, por instituições governamentais do Estado e por vários municípios do entorno geográfico, e uma vez completadas três décadas de actividade, o valor da aposta é hoje consensualmente reconhecido, não somente pelos resultados alcançados, mas sobretudo pela relevância que tem no atual panorama musical do país. A OML multiplica-se com frequência em agrupamentos de música de câmara e junta-se regularmente aos alunos para formar uma orquestra de dimensão sinfónica. Esta plasticidade tem-lhe permitido interpretar um leque de repertório que se estende do barroco à contemporaneidade, passando pela ópera e pelas grandes sinfonias românticas. Em vez de concentrar as suas actuações numa única sala de concertos, a OML tem vindo a consolidar uma implantação territorial que irradia a partir da cidade de Lisboa para os concelhos mais próximos, e mais espaçadamente para todo o continente e arquipélagos. Ao longo do seu historial também já tocou em França, Bélgica, Espanha, Áustria, Polónia, Cabo Verde, Índia, Tailândia,



Coreia do Sul, Japão e China. Conta mais de dois milhares de concertos efectuados em formação orquestral, 23 CD e 1 DVD gravados, para lá de muitas transmissões radiofónicas e televisivas. Tocou com alguns dos mais notáveis solistas nacionais, entre eles Maria João Pires, Sequeira Costa, António Rosado, Artur Pizarro, Pedro Burmester, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Vasco Barbosa, Paulo Gaio Lima e Ana Bela Chaves, e também com prestigiados solistas internacionais, como Montserrat Caballé, Jose Carreras, Leon Fleisher e Natalia Gutman. Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomarico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri, Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm. As direcções artísticas da OML foram sucessivamente confiadas a Miguel Graça Moura, – fundador do projecto – Jean-Marc Burfin, Álvaro Cassuto, Augustin Dumay, Cesário Costa e Pedro Amaral. Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, Director Artístico e Maestro Titular.

© MARCELO ALBUQUERQUE DE LIMA



PEDRO NEVES

Pedro Neves é actualmente Director Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013 e, posteriormente, Maestro Associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmonia do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sônd'Ar-te Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores

portugueses e estrangeiros, levando a cabo digressões pela Coreia do Sul e pelo Japão. Colaborou igualmente com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese – Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra

de cordas, e com a qual tem recebido uma acolhida elogiosa por parte do público e da crítica especializada. Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respectivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. No que respeita à Direcção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, tendo obtido o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, prosseguindo a sua formação com Emilio Pomarico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística se distinga pela profundidade, coerência e seriedade da sua interpretação musical.

Poslúdio dos Capuchos

DSCH – SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

FILIPE PINTO-RIBEIRO Piano

ESTHER HOPPE Violino

LARS ANDERS TOMTER Viola

CHRISTIAN POLTÉRA Violoncelo

TIAGO PINTO-RIBEIRO Contrabaixo

PROGRAMA

Antonín Dvořák (1841-1904)	Quarteto com Piano N.º 1 Opus 23 1. Allegro moderato 2. Andantino con variazioni 3. Finale. Allegretto scherzando
Sérgio Azevedo (1968-)	Sonatina Giocosa para Contrabaixo * 1. Con spirito 2. ¿Y si a Schubert le gustara el tango? 3. Toccata
Franz Schubert (1797-1828)	Quinteto com Piano D 667, “A Truta” 1. Allegro vivace 2. Andante 3. Scherzo 4. Andantino 5. Allegro giusto

* ESTREIA ABSOLUTA

NOTAS AO PROGRAMA

À luz do contexto da música europeia da segunda metade do século XIX, a produção musical do compositor checo Antonín Dvořák (1841-1904) parece moldada por uma matriz estilística de certa forma retrospectiva, que se revela, sobretudo, na abordagem do compositor aos géneros instrumentais de cunho mais tradicional, como o quarteto de cordas, a música de câmara com piano e a sinfonia.

Por outro lado, a sua criatividade melódica e o seu talento orquestral, assim como a sua capacidade de recriação da *couleur locale*, exerceram um poderoso efeito de atracção junto do público europeu que não conseguia assimilar a audácia de Richard Wagner e seus seguidores. Ao longo da sua carreira, Dvořák manifestou sempre uma afinidade natural com a música de câmara, género relevante

na sua produção musical e que desempenhou, aliás, um papel significativo em momentos cruciais do desenvolvimento artístico do compositor. O Quarteto com Piano n.º 1, Opus 23 foi composto em apenas dezoito dias, entre os meses de Maio e Junho de 1875, tendo a sua estreia acontecido cerca de cinco anos depois, no dia 16 de Dezembro de 1880, em Praga. A obra alcançaria dimensão internacional através da publicação da partitura em Berlim (em 1880) e da sua apresentação em Amesterdão (em 1881), interpretada pelo aclamado quarteto do violinista alemão Jean Becker (que haveria de promover e divulgar a obra em várias cidades alemãs, em concertos posteriores). A peça tem três andamentos: o primeiro segue o esquema tradicional da forma sonata; o segundo consiste numa sequência de cinco variações; no terceiro, verifica-se a combinação dos habituais Scherzo e Finale, aqui integrados num único andamento. Franz Schubert (1797-1828) foi o mais distinto compositor vienense entre os contemporâneos de Beethoven, notabilizando-se pela originalidade, riqueza e subtilidade da sua linguagem melódica e harmónica. Durante os seus (apenas) trinta e um anos de vida, Schubert conseguiu produzir um corpus musical extenso e variado, de onde se destacam as contribuições, em alguns casos absolutamente seminais, para os géneros da música orquestral, música de câmara, música para piano e Lied. No âmbito da música de câmara, e para além dos seus quartetos de cordas (entre os quais se evidencia o Quarteto n.º 14, D. 810, “A morte e a Donzela”), Schubert escreveu dois trios de cordas, três composições para quinteto de cordas, um octeto para cordas e sopros, quatro trios com piano, uma peça para quarteto com piano e, finalmente, uma das mais célebres obras de

câmara do seu catálogo, o Quinteto com piano, D. 667, “A Truta”. Escrito durante o Verão de 1819, o quinteto foi dedicado ao violoncelista amador Sylvester Paumgartner, que terá sido o responsável por um dos traços pelos quais a obra se demarca: a singularidade da formação. Assim, consta que por sugestão de Paumgartner, em vez de Schubert juntar o piano ao habitual quarteto de cordas (violinos I e II, viola e violoncelo), retirou um violino e acrescentou o contrabaixo. A obra divide-se em cinco partes, o que sugere uma estrutura de tipo divertimento. O andamento inicial dá mote ao clima festivo que presidirá a generalidade da peça. Segue-se o Andante, cuja delicadeza é evidenciada pelo belíssimo tema apresentado pela viola e pelo violoncelo (depois do tema introdutório lançado pelo piano). O terceiro andamento caracteriza-se pela sua vivacidade rítmica e abre caminho para o andamento mais afamado do quinteto, o conjunto de cinco variações construídas a partir da canção *Die Forelle* (A Truta; sobre poema de Christian Friedrich Daniel Schubart), composta por Schubert em 1817. A partitura termina com um curto Finale, que se destaca pela sua leveza, frescura e luminosidade. De Sérgio Azevedo (n. 1968) – compositor cuja obra tem sido frequentemente premiada e apresentada com sucesso em diversos países, desenvolvendo igualmente uma importante actividade nos domínios do ensino e da divulgação musical – será interpretada, em estreia absoluta, uma obra para contrabaixo solo denominada Sonatina Giocosa, reflectindo, de forma lúdica e bem-humorada, a ideia de viagem/fusão entre mundos diferentes que inspira o tema da edição de 2025 do Festival dos Capuchos.

Sónia Gonçalves da Silva
Musicóloga

DSCH SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

Fundado em 2006, DSCH – Schostakovich Ensemble é considerado um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional. Sediado em Lisboa desde a sua criação pelo director artístico Filipe

Pinto-Ribeiro, o DSCH é um ensemble de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência.

Deve o seu nome ao compositor Dmitri Schostakovich, numa homenagem aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano em que o DSCH iniciou a sua actividade. Desde então, apresentou-se em várias temporadas e festivais de prestígio, na Europa, nos EUA e na Austrália. O vasto repertório do DSCH integra obras de compositores de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, de Shostakovich a Sofia Gubaidulina, compositora com a qual o Ensemble estabeleceu uma estreita colaboração. Tem contado com a participação de alguns dos músicos mais relevantes do nosso tempo, como José van Dam, Pascal Moraguès, Esther Hoppe, Christian Poltéra, Lars Anders Tomter, Gary Hoffman, Gérard Caussé, Corey Cerovsek, Renaud Capuçon,



Tedi Papavrami, Adrian Brendel, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Liza Ferschtman, entre muitos outros. Desde 2006, alguns dos concertos do Schostakovich Ensemble foram gravados e transmitidos pela RTP Antena 2 e pelo canal de televisão francês Mezzo.

Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH – Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses. Luís Tinoco, Eurico Carapatos, Andreia Pinto-Correia e Sérgio Azevedo foram distinguidos, respectivamente, em 2019, 2021, 2023 e 2024. A discografia do DSCH inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Dmitri Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Ludwig van Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional. Em 2025, o DSCH – Schostakovich Ensemble gravará um álbum com obras de Antonín Dvořák e Franz Schubert.

© IRENE ZANDEL



ESTHER HOPPE

A violinista suíça Esther Hoppe detém uma excelente reputação internacional, enquanto solista e pedagoga.

Após estudar em Basileia, Filadélfia (no Curtis Institute of Music), Londres e Zurique, Esther ganhou o 1.º Prémio na oitava edição do prestigiado Concurso Internacional de Mozart, em Salzburgo. Pouco depois, fundou o Trio Tecchler, vencedor de vários prémios em importantes concursos, como o 1.º Prémio do Concurso ARD de Munique, em 2007.

Apresenta-se frequentemente como solista, acompanhada por algumas das mais prestigiadas orquestras europeias como Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Münchener Kammerorchester, Orchestre Les Siècles Paris, Kammerorchester Basel, Zurcher Kammerorchester, entre outras.

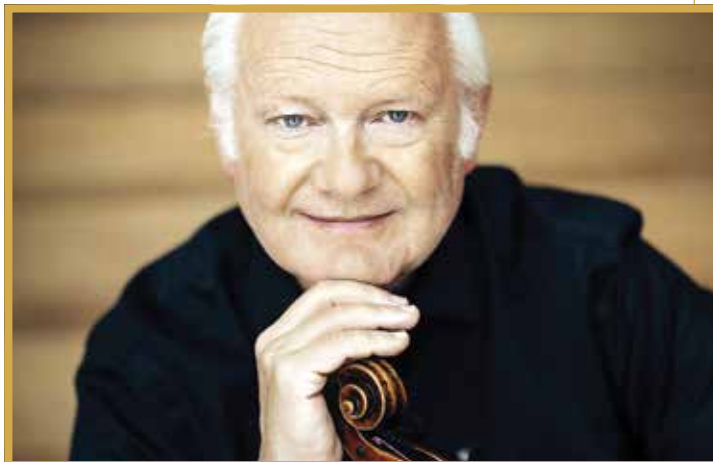
A sua intensa atividade concertística estende-se também à música de câmara, onde os seus parceiros de incluem músicos como Clemens e Veronika Hagen, Nicolas Altstaedt, Vilde Frang, Heinz Holliger, Elisabeth Leonskaja, Alexander Lonquich, Filipe Pinto-Ribeiro, Lars Anders Tomter, Christian Poltéra e Ronald Brautigam. Esther Hoppe é convidada regular de festivais internacionais de grande reputação, como Lockenhaus, Ernen, Luzern, Gstaad, Delft, Prussia Cove e Styriarte. Gravou diversos CD aclamados pela crítica, para as editoras Virgin Classics, Neos, Concertus Records e Ars Musici. Desde 2013, é Professora de Violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo, na Áustria. Esther Hoppe toca com o violino Stradivarius “De Ahna”, construído em 1722.

LARS ANDERS TOMTER

Lars Anders Tomter é considerado um dos violetistas mais destacados da actualidade. “O Gigante da Viola Nórdica” (como foi apelidado pela revista The Strad) nasceu em Hamar, na Noruega. Começou a tocar violino e viola aos oito anos de idade. Estudou ambos

os instrumentos com o Professor Leif Jørgensen, no Conservatório de Música de Oslo e na Academia Superior de Música da Noruega, e prosseguiu os seus estudos com o Professor Max Rostal e com Sándor Végh.

A carreira internacional de solista de Lars Anders Tomter começou em 1987, com uma grande digressão pelos Estados Unidos da América e pela Alemanha, com a prestigiada Orquestra de Câmara Norueguesa. Desde então, as suas aparições como solista têm sido aclamadas pelo público e pela crítica, em toda a Europa e Estados Unidos da América, em salas como Musikverein de Viena, Carnegie Hall de Nova Iorque, o Wigmore Hall de Londres, o Konzerthaus de Berlim e Philharmonie de Colónia. Lars Anders Tomter apresentou-se como solista com orquestras como a BBC Symphony, BBC Scottish Symphony, Royal Philharmonic Orchestra, Academy of St. Martin in the Fields, City of Birmingham Symphony Orchestra, RSO Frankfurt, NDR Radio Philharmonic Hannover, Gürzenich-Orchester Köln, Budapest



© NIKOLA LUND

Festival Orchestra, sob a direcção de maestros como Marc Albrecht, Vladimir Ashkenazy, Sylvain Cambreling, Dennis Russell Davies, Olari Elts, Daniele Gatti, Krzysztof Penderecki, Okko Kamu, Arvid Jansons, Dmitri Kitaenko, entre outros. No âmbito da música de câmara, Lars Anders Tomter colabora frequentemente com músicos de renome e é presença regular em festivais como BBC Proms, Lockenhaus, Kissingen Sommer, Mondseetage, Schleswig-Holstein, Schwetzingen, Styriarte, Verbier, bem como em vários festivais na Escandinávia. Foi Director Artístico do Risør Chamber Music Festival, na Noruega, e, actualmente, é Director Artístico do Norwegian Fjord Classics Festival. O seu vasto repertório inclui todas as principais obras do repertório contemporâneo de viola e gravou diversos álbuns para as editoras Simax, Naxos, Virgin Classics, NMC, Somm e Chandos. É Professor na Academia Superior de Música de Oslo e toca com uma extraordinária viola construída por Gasparo da Salò, em 1590.

© IRENE ZANDEL



CHRISTIAN POLTÉRA

Um dos mais requisitados violoncelistas da atualidade, Christian Poltéra nasceu em Zurique.

Foi discípulo de extraordinários professores, como Boris Pergamenschikow e Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena. Como solista, toca frequentemente com algumas das principais orquestras mundiais, como a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, tendo trabalhado sob a direcção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner, entre outros. Dedicou-se também intensamente à música de câmara, em parceria com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther

Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryn e Zehetmair.

Juntamente com o violinista Frank Peter Zimmermann e o violetista Antoine Tamestit, Christian Poltéra é fundador e membro do famoso Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiadas salas de concertos e festivais por toda a Europa. Em 2004,

recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi seleccionado como um dos Artistas da Nova Geração da BBC Radio 3. É convidado regular dos festivais mais prestigiados - como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena - e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu amplo e variado repertório, incluindo concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert. Christian Poltéra é Professor de Violoncelo na Universidade de Lucerna e toca com o famoso violoncelo Stradivarius “Mara”, construído em 1711.

FILIFE PINTO-RIBEIRO

Ver página 46

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Ver página 30

ACTIVIDADES

Conversas dos Capuchos

As Conversas dos Capuchos antecipam-se este ano ao Festival de Música. Abre-se caminho para a programação numa série de três conversas, reflectindo a diversidade que o próprio Festival pretende celebrar. Estaremos “Entre Mundos”, apontando ao concelho de Almada, a partir de Lisboa, no espaço do Âmbito Cultural do El Corte Inglés. É “entre mundos” que encerraremos este mini-ciclo de debate literário juntando dois escritores portugueses para quem a identidade é um aspecto complexo: Djaimilia Pereira de Almeida e Richard Zimler. Estas conversas de Maio, sempre às quartas-feiras, iniciam-se com uma homenagem a José Cardoso Pires, assinalando o centenário do nascimento do autor de Balada da Praia dos Cães. Reuniremos para isso o biógrafo do

escritor, Bruno Vieira Amaral, e um seu estudioso, Marco Neves. O mesmo ano de 1925 que viu nascer Cardoso Pires, é também o ano da publicação póstuma de um romance premonitório: O Processo, de Franz Kafka. Havemos de evocá-lo, celebrando-o com dois escritores cuja experiência na magistratura os torna especialmente habilitados como leitores da obra em causa: Julieta Monginho e Álvaro Laborinho Lúcio. As Conversas dos Capuchos 2025 serão, assim, três fins de tarde com a literatura como antecâmara da grande música com que o Festival dos Capuchos regressa para mais uma temporada imperdível.

Carlos Vaz Marques
Curador e moderador das
Conversas dos Capuchos

7 MAIO · 4ª FEIRA · 18H30 ÂMBITO CULTURAL EL CORTE INGLÉS LISBOA

CONVERSA DOS CAPUCHOS 1 CENTENÁRIO JOSÉ CARDOSO PIRES

Com **BRUNO VIEIRA AMARAL**,
MARCO NEVES
e **CARLOS VAZ MARQUES**

14 MAIO · 4ª FEIRA · 18H30 ÂMBITO CULTURAL EL CORTE INGLÉS LISBOA

CONVERSA DOS CAPUCHOS 2 CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE “O PROCESSO”, DE FRANZ KAFKA

Com **ÁLVARO LABORINHO LÚCIO**,
JULIETA MONGINHO
e **CARLOS VAZ MARQUES**

21 MAIO · 4ª FEIRA · 18H30 ÂMBITO CULTURAL EL CORTE INGLÉS LISBOA

CONVERSA DOS CAPUCHOS 3 ENTRE MUNDOS: DIVERSIDADE, IDENTIDADE, DIÁLOGO E INFLUÊNCIA

Com **DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA**,
RICHARD ZIMLER
e **CARLOS VAZ MARQUES**

Ópera para Crianças

29 MAIO · 5ª FEIRA · 14H30 CONVENTO DOS CAPUCHOS

WOLFGANG AMADEUS MOZART BASTIEN UND BASTIENNE KV 50

ANTÓNIO WAGNER DINIZ Direcção Musical
ANTÓNIO GERALDO Bastien
LAURA MATADINHO MARTINS Bastienne
DIOGO CHAVES Colas
PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA Pianista
AFONSO CARDOSO Animador

ACTIVIDADES

Prelúdios dos Capuchos

31 MAIO · SÁBADO · 18H TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

PRELÚDIO DOS CAPUCHOS 1

ENTRE MUNDOS: SOBRE O FESTIVAL DOS CAPUCHOS 2025

Conversa pré-concerto com

FILIPE PINTO-RIBEIRO e JOÃO ALMEIDA

7 JUNHO · SÁBADO · 18H TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

PRELÚDIO DOS CAPUCHOS 2

SOBRE O THE NAGHASH ENSEMBLE OF ARMENIA

Conversa pré-concerto com

JOHN HODIAN e JOÃO ALMEIDA

19 JUNHO · 5ª FEIRA · 17H CONVENTO DOS CAPUCHOS

PRELÚDIO DOS CAPUCHOS 3

SOBRE PIERRE BOULEZ, NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

Conversa pré-concerto com

SÉRGIO AZEVEDO e JOÃO ALMEIDA

Caminhada dos Capuchos

7 JUNHO · SÁBADO · 10H MATA DOS MEDOS

PAISAGEM PROTEGIDA DA ARRIBA FÓSSIL DA COSTA DA CAPARICA — FAUNA, FLORA E GEOLOGIA

A Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica apresenta valores naturais importantes, que importa conhecer e valorizar — visita guiada com

técnicos especializados para descobrir a fauna, flora e geologia existentes nesta área protegida, incluindo a Mata dos Medos e a arriba fóssil.

Visita dos Capuchos

19 JUNHO · 5ª FEIRA · 15H CONVENTO DOS CAPUCHOS

PATRIMÓNIO HISTÓRICO DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

Visita guiada ao Convento dos Capuchos, na companhia do historiador Rui Mesquita Mendes, sobre as origens e história deste edifício do século XVI, que reflete, nas suas linhas arquitectónicas e na sua localização, sobre a Arriba Fóssil da Costa de

Caparica, a escala e simplicidade própria das casas franciscanas da Província de Santa Maria da Arrábida, da Estrita Observância, e que as tornam um património único desta região, como locais propícios ao recolhimento e contemplação.

Masterclasses dos Capuchos

28 JUNHO · SÁBADO · 10H CONVENTO DOS CAPUCHOS

Violino **ESTHER HOPPE** Professora na Universidade de Salzburgo

Viola **LARS ANDERS TOMTER** Professor na Universidade de Oslo

Violoncelo **CHRISTIAN POLTÉRA** Professor na Universidade de Lucerna

CALENDÁRIO

7 MAIO · 4ª FEIRA

18H30 Conversa dos Capuchos 1 · **Centenário José Cardoso Pires**

14 MAIO · 4ª FEIRA

18H30 Conversa dos Capuchos 2 · **Centenário "O Processo" de Kafka**

21 MAIO · 4ª FEIRA

18H30 Conversa dos Capuchos 3 · **Entre Mundos**

29 MAIO · 5ª FEIRA

14H30 Ópera para Crianças · **Bastien und Bastienne de Mozart**

30 MAIO · 6ª FEIRA

21H **Concerto de Abertura** · Mozart & Tchaikovsky

31 MAIO · SÁBADO

18H Prelúdio dos Capuchos 1 · **Sobre o Festival dos Capuchos 2025**

21H **Jazz Violin Concertos** · Schmid & Orquestra Musica Vitae

1 JUNHO · DOMINGO

18H **Quinto Centenário de Camões** · Concerto Atlântico

4 JUNHO · 4ª FEIRA

21H **Chopin & Debussy** · Dang Thai Son

7 JUNHO · SÁBADO

10H **Caminhada dos Capuchos**

18H Prelúdio dos Capuchos 2 · **Sobre The Naghash Ensemble**

21H **Songs of Exile** · The Naghash Ensemble of Armenia

8 JUNHO · DOMINGO

18H **A História do Tango** · Piazzolla & Nisinman

13 JUNHO · 6ª FEIRA

21H **Aperture** · João Barradas Trio

14 JUNHO · SÁBADO

18H **Promenade dos Capuchos** · 100 Caminhos

21H **Liszt: O Poeta do Piano** · Filipe Pinto-Ribeiro

15 JUNHO · DOMINGO

18H **Telemann goes East** · Ensemble Barroco Tra Noi

19 JUNHO · 5ª FEIRA

15H **Visita Património dos Capuchos**

17H Prelúdio dos Capuchos 3 · **Centenário Pierre Boulez**

19H **Boulez 100** · Homenagem a Pierre Boulez

20 JUNHO · 6ª FEIRA

21H **Noite Transfigurada** · Tributo a Daniel Barenboim

21 JUNHO · SÁBADO

21H **Concerto de Encerramento** · Sinfonia do Novo Mundo

27 JUNHO · 6ª FEIRA

21H **Poslúdio dos Capuchos** · DSCH Schostakovich Ensemble

28 JUNHO · SÁBADO

10H **Masterclasses dos Capuchos** · Violino, Viola, Violoncelo

ENTRADAS

CONCERTOS

€10,00 Convento dos Capuchos e Auditório Fernando Lopes-Graça

€17,00 Teatro Municipal Joaquim Benite

Desconto de 25% Menores de 25 anos, maiores de 65 anos e profissionais dos espectáculos
Não é possível efectuar reservas de bilhetes

Concerto Promenade dos Capuchos Entrada gratuita com inscrição
em info@festivalcapuchos.com

Concerto de Encerramento Entrada livre

Bilhetes à venda em:

BOL.PT, El Corte Inglés, FNAC, Worten, CTT e nos locais habituais

Convento dos Capuchos R. Miradouro Capuchos, Caparica
3ª Feira a Sáb. 10h00 – 13h00 | 14h00 – 18h00

Fórum Municipal Romeu Correia Praça da Liberdade, Almada
4ª Feira a Sáb. 10h00 – 13h00 | 14h30 – 18h00

Teatro Municipal Joaquim Benite Av. Professor Egas Moniz, Almada
4ª Feira a Sáb. 13h30 – 22h30 | Dom. 13h30 – 19h30

ASSINATURAS

PACK PARCIAL €60,00 **Bilhetes para 7 concertos, à escolha**

PACK TOTAL €90,00 **Bilhetes para todos os concertos**

*As assinaturas podem ser adquiridas na bilheteira do Fórum Municipal Romeu Correia
e no Convento dos Capuchos. Os bilhetes para os concertos são entregues no acto da compra.

**As assinaturas do Festival de Música dos Capuchos estão condicionadas
à lotação das salas e não têm descontos associados.

ACTIVIDADES

Conversas dos Capuchos Entrada gratuita com inscrição em ambito-cultural.elcorteingles.pt

Prelúdios dos Capuchos Entrada gratuita com inscrição em info@festivalcapuchos.com

Caminhada dos Capuchos Inscrição gratuita em info@festivalcapuchos.com

Visita dos Capuchos Inscrição gratuita em info@festivalcapuchos.com

EQUIPA

Organização

DSCH – Associação Musical

Director Artístico

Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo

Paulo Veríssimo da Silva

Directores Assistentes

Rosa Maria Barrantes e Tiago Pinto-Ribeiro

Direcção de Produção e de Direcção de Cena

Ana Teresa Mota

Produção e Comunicação

Andreia Carvalho

Assistentes de Produção e de Direcção de Cena

Ana Rebelo, João Mendes e Filipa Bandeira

Imagem Gráfica do Festival e Catálogo

Marco Grieco

Fotografia e Vídeo

Andreia Carvalho

Site

AWD

Impresso por

Gráfica Manuel Barbosa

& Filhos, Lda.

Maio 2025

CONTACTOS

Tel.: **+351 939 083 383**

E-mail: info@festivalcapuchos.com

Facebook: [festivalcapuchos](https://www.facebook.com/festivalcapuchos)

Instagram: [@festivalcapuchos](https://www.instagram.com/festivalcapuchos)

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS



PARCERIAS

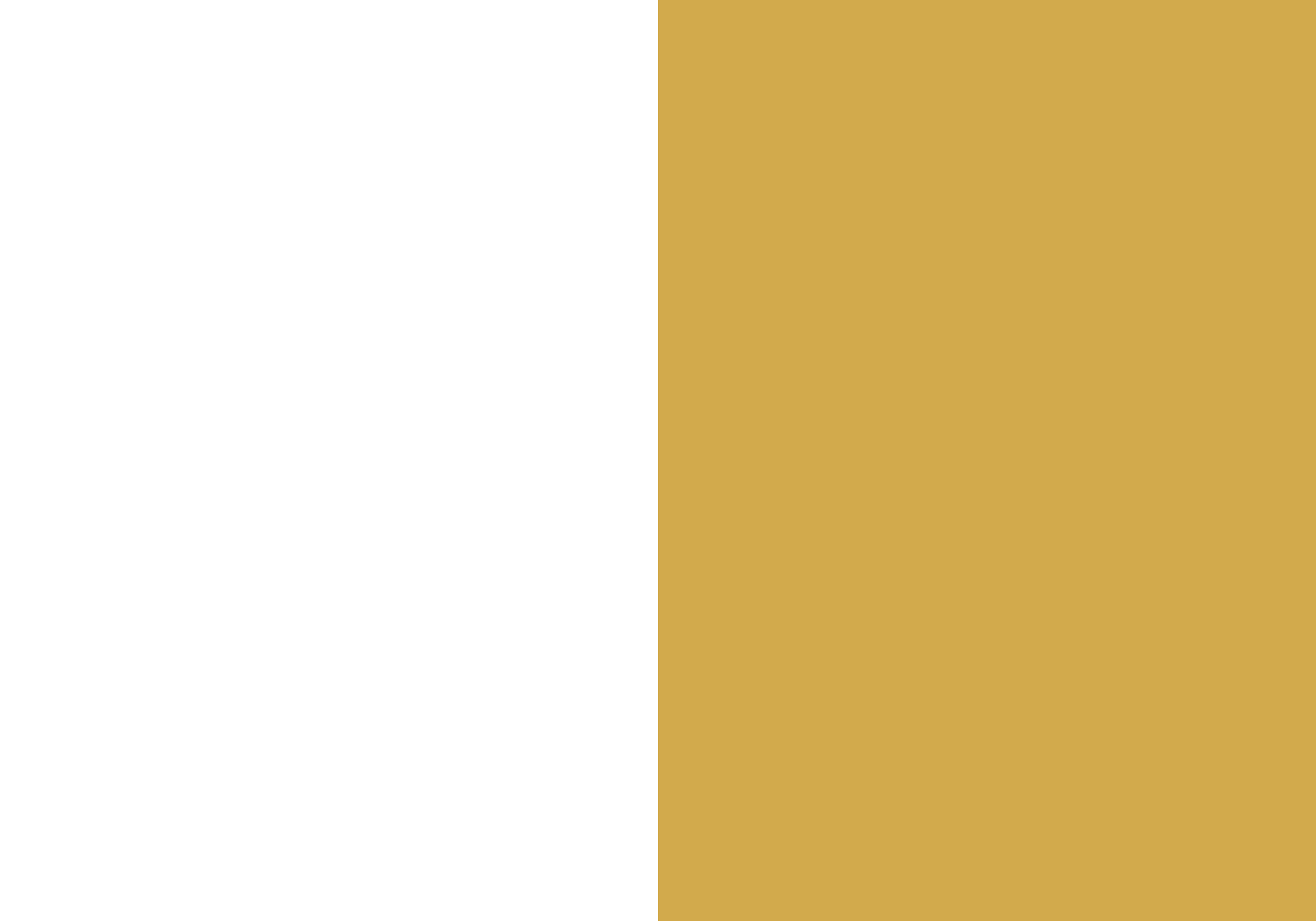


PARCERIA MEDIA



ORGANIZAÇÃO







FESTIVALCAPUCHOS.COM